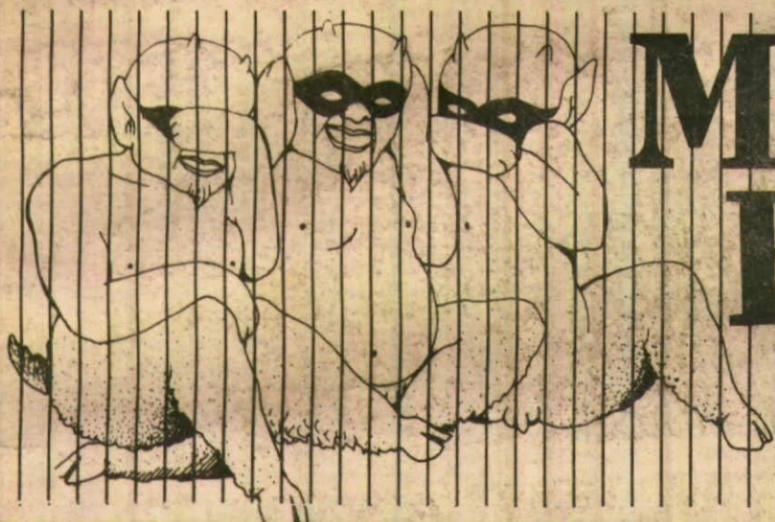
LAMPIÃO da esquina

Ano 1 - Nº 9 - Fevereiro de 1979 - Cr$ 18,00

Leitura para maiores de 18 anos

MORAL E BONS COSTUMES?

(LAMPIÃO põe o assunto na berlinda. Leia as opiniões de **FRANCO MONTORO, BRUNA LOMBARDI, ELICE MUNERATO, FERNANDA MONTENEGRO, HÉLIO FERNANDES, ROBERTO MOURA, HELENA SANGIRARDI, JOSÉ CARLOS AVELAR, MACKSEN LUIZ, SÔNIA COUTINHO,** e donas de casa, bancários, operários da construção civil, etc., etc., etc. . .)

"Abaixo o preconceito!"

(É a mãe de um homossexual quem escreve)

Copacabana nua

(Atenção, gueis do Brasil: o Rio não é mais aquele)

Neste número

- **JOSÉ LOUZEIRO**
- **JOÃO ANTÔNIO**
- **AGUINALDO SILVA**
- **ANTÔNIO CHRYSÓSTOMO**
- **PETER FRY**
- **JOÃO SILVÉRIO TREVISAN**
- **E o visual de Marisa Caveira**

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, José Fernando Bastos, Regina Rito, Henrique Neiva, Leila Miccolis (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz (Curitiba).

Correspondentes: Fran Tornabene (San Francisco) Allen Young (Nova Iorque); Armand de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jô Fernandes, Mêm de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte Final: Edmílson Vieira da Costa.

LAMPIÃO da esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição: Rio — Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo — Paulino Carcanhetti; Recife — Livraria Reler; Salvador — Literarte; Florianópolis e Joinville — Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte — Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre — Coojornal; Teresina — Livraria Corisco; Curitiba — Ghignone; Manaus — Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 210,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Tem piranha na Amazônia

Se depender dos vorazes donos do poder, é assim que este país vai ficar: um deserto de areia. Noticia-se que o governo brasileiro quer vender a madeira da Amazônia para pagar a dívida externa da nação, que já chega a 40 bilhões de dólares. Apesar das afirmações contraditórias das autoridades, comenta-se que o governo assinará "contratos de risco" com multinacionais, donas de **Know-how** e capital. Diz-se que a madeira dos 320 milhões de hectares da floresta amazônica pode render 90 bilhões de dólares. A maior floresta do planeta pagando a dívida externa mais escandalosa do planeta. Ora, apenas 40% dessa dívida pertence ao Estado, como resultado de errôneas diretrizes econômicas impostas à revelia do povo. Os restantes 60% são de responsabilidade das empresas privadas, especialmente (pasmem!) as multinacionais. Ou seja, um patrimônio comum do povo brasileiro e da humanidade é hipotecado para saldar uma dívida que não é do povo, não foi contraída em seu benefício e, pelo contrário, tornou-o ainda mais subjugado e empobrecido.

Sabe-se que, antes mesmo da exploração industrial da Amazônia, dez por cento de sua floresta já está devastada, graças à implantação dos projetos agropecuários do governo, que provoca um desmatamento anual de 50 mil quilômetros quadrados na floresta tropical. As imagens emitidas pelo satélite artificial Landsat acusam 4 milhões de hectares desmatados, numa área pesquisada de 55 milhões de hectares. Além disso, a Amazônia vem sendo vítima de coisas espantosas como o projeto Jari, essa imensa fazenda do tamanho da Bélgica, pertencente ao milionário americano Daniel Ludwig, onde serão derrubados quatro hectares de mata por dia, para gerar energia, fornecer matéria-prima às fábricas de celulose e abrir espaço para plantações de arroz. O Jari começará a operar em escala industrial ainda em 1979. Em tudo, trata-se de um primeiro teste. A floresta está sendo oferecida em troca do capital que falta.

Existe uma cortina de fumaça em torno da exploração da Amazônia: um grande mistério e notícias contraditórias. O que existe exatamente na Amazônia? O que de fato pretende o governo brasileiro? Sabe-se que as multinacionais americanas conhecem muito mais sobre as potencialidades econômicas da Amazônia do que as companhias brasileiras, tanto privadas como governamentais. Sem dúvida a Amazônia tem muito mais do que simples madeira. Mesmo porque os clientes internacionais procuram com os fornecedores aqueles tipos de madeiras já consagradas como nobres. Na medida que grande parte de suas espécies é inteiramente desconhecida, parece certo que a madeira da Amazônia não terá condições ótimas de comercialização. Então surgem hipóteses intrigantes. Por exemplo, que o subsolo amazônico conteria minérios muito raros, e neles residiria o interesse real das multinacionais, devastar a mata seria portanto um primeiro passo para chegar às riquezas do subsolo. De fato, o governo acaba de anunciar "contratos de risco" (semelhantes àqueles realizados no setor petrolífero) também para exploração de minérios na Amazônia.

Essa atração pelo capital estrangeiro é uma constante dos últimos governos (veja-se o caso recente da compra da Light). Na SBPC de 1975, uma funcionária do governo já informava que os planos de colonização da Amazônia constituíam os primeiros passos para exploração industrial em larga escala. O mais espantoso, segundo ela, é que tais planos foram impostos quase sem o conhecimento dos técnicos brasileiros. Até mesmo a Transamazônica foi projetada por técnicos americanos, naturalmente ligados às multinacionais. Para facilitar as coisas, o governo criou inclusive famoso projeto de "Emancipação" dos índios, que o ministro Rangel Reis vem tentando impor à nação; a "emancipação" significa, na realidade, uma maneira legal de tirar as terras dos índios, para entregá-las às multinacionais.

Enquanto isso, vamos virando deserto. As florestas do Paraná já não existem mais, graças à exploração indiscriminada; no fim do século passado, esse estado tinha 83,4% de seu território coberto por matas nativas; hoje, apenas 2,3% dele tem florestas. As de São Paulo faz tempo foram vendidas. As do Mato Grosso estão em fase de extinção. Agora chegou a vez da Amazônia, com um sério agravante: quase todo o solo amazônico é fragilíssimo e muito pobre em nutrientes, ao contrário do que pensa. Ele não só se esgotará rapidamente para o cultivo agrícola, como não poderá manter sua fertilidade sem a floresta. Na verdade, sua camada aproveitável (para plantio) é de apenas 30cm de profundidade, alimentados pelos nutrientes que a floresta capta da atmosfera e bombeia para o solo, em permanente reciclagem. Além do mais, as árvores são fundamentais para a abundância da água na região: elas ativam um ciclo de transpiração e evaporação que devolve à atmosfera a água recebida das chuvas e provocam uma irrigação natural; ou seja, as árvores constituem um verdadeiro reservatório de água e garantem a existência dos rios. Os ecólogos, agrônomos e conservacionistas em geral apontam várias consequências catastróficas, com a devastação que o governo brasileiro está patrocinando. Como a Amazônia é o grande pulmão do planeta — pela quantidade de oxigênio que produz e de gás carbônico que absorve — sua destruição provocará o aumento de 4 graus centígrados na temperatura da Terra, graças ao aumento de gás carbônico na atmosfera; as calotas polares (onde a temperatura crescerá em mais 8 graus centígrados) se degelarão e os oceanos subirão cinco metros, inundando cidades ribeirinhas. Além disso, o sul do Brasil (celeiro do país) passaria a ter quatro meses de seca por ano, ao invés dos três atuais.

Diante de tão grave situação, já começam a ocorrer manifestações de protesto em todo país. Houve uma passeata em Manaus, reprimida pela polícia local, sintoma de que a coisa é mesmo séria. Em São Paulo, estão sendo organizados comitês responsáveis por várias atividades já em andamento. Pretende-se conseguir uma grande mobilização popular no país e repercussão no exterior, através de manifestos, passeatas, debates públicos e um Dia Nacional de Luta contra a devastação da Amazônia. Paralelamente, já se iniciaram também os primeiros preparativos para mover uma ação popular que obste os atos do governo. Nela, serão apontados, perante a Justiça, os funcionários do governo diretamente responsáveis pela devastação, a começar pelo Sr. Rangel Reis, Ministro do Interior. A Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade, que está coordenando as atividades é também a responsável pela obstrução do novo aeroporto internacional de São Paulo em Caucaia, que viria desmatar aquela região. região. Os interessados em assinar a ação popular devem ser brasileiros, fornecer uma xerox autenticada do seu título de eleitor e entregar uma procuração em nome dos advogados que estão nominalmente encaminhado a ação. Pode-se comparecer ou escrever para a Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade, à Rua 24 de maio, 104, 1° andar São Paulo, CEP 01042, e solicitar uma cópia em branco da procuração.

Para muita gente, os conservacionistas não passam de pobres românticos e saudosistas, pois a exploração da Amazônia seria inevitável e oportuna para a nação.

A Amazônia nos pertence a todos. Salvá-la é tanto uma prova de responsabilidade histórica do nosso povo quanto um claro gesto de reprovação aos vorazes dono do poder.

(João Silvério Trevisan)

Incêndio na madrugada

Na noite de 30 para 31 de dezembro aconteceu mais um incêndio na parte mais antiga do centro da cidade, no Rio. Era mais ou menos uma hora da madrugada, quando sirenes agitadíssimas começaram a tocar perto do Campo de Santana, onde existe um quartel de bombeiros, do qual saíram carros em disparada. Para as pessoas que, àquela hora, ainda faziam o **footing** pelas perigosas madrugadas cariocas, o trabalho dos bombeiros seria rapidamente transformado em um excelente motivo de curiosidade e, em poucos minutos, uma pequena multidão de figuras noturnas estava postada diante de uma loja de eletrodomésticos que pegava fogo, bem próxima de um endereço que, para a maioria dos que a formavam, era bastante conhecido: o Meio-Dia, no número 55 da Rua Gomes Freire, onde funciona um movimentado hotel "para solteiros".

O fogo, na verdade, começara numa loja de tubulações plásticas, atingindo imediatamente o Palácio do Som e, levado pelo vento que soprava naquela direção, ameaçando em pouco tempo o 55. Pepe e Juan, os sempre insones responsáveis pelo hotel, a essa altura já se haviam juntado à multidão, com a qual acompanhavam o trabalho dos bombeiros. Estes, apesar de todo o esforço, não conseguiam conter as chamas, que cresciam cada vez mais. Para começar, eles tiveram que subir até uma sacada da primeira loja, de onde seria mais fácil combater o fogo. Mas uma janela que se abriu repentinamente despejou sobre eles grossos rolos de fumaça, e os bombeiros, sem qualquer proteção especial, tiveram de desistir do combate às chamas daquele lado.

Por volta de duas horas, com as chamas cada vez maiores, Pepe e Juan, alertados pelos bombeiros, não tiveram outra saída senão desalojar seus hóspedes. O desfile insólito começou: das escadarias do 55, meio aurelados pela fumaça, surgiam, dois a dois, rapazes de ar sonolento, alguns ainda atacando os últimos botões das roupas rapidamente vestidas. A platéia, a essa altura, vibrava com o espetáculo. Alguns dos que saíam do hotel tratavam de cobrir o rosto e desaparecer na esquina mais próxima. Outros, no entanto, enfrentavam o "público" com a maior desenvoltura. E houve até um instante de delírio, quando dois rapazes surgiram no último degrau da escadaria de mãos dadas, e assim saíram a caminhar pela calçada, como se não houvesse ninguém a observá-los.

Quando as chamas, finalmente, começaram a devorar o Palácio do Som e a se debruçar sobre o hotel, Juan e Pepe entraram em pânico. O 55, a essa altura vazio, estava cada vez mais próximo da destruição. E foi então que algumas pessoas que haviam se colocado em meio à multidão, velhas freqüentadoras do local, resolveram tomar uma providência. Surgiram, não se sabe de onde, velas que foram imediatamente acesas na esquina mais próxima. Alguém, iniciado nos segredos da umbanda, começou a pedir proteção aos santos, iniciando uma reza forte. Apesar do tom de farsa, a aflição da maioria era a sério. Era como se a destruição do 55 significasse, para os gueis ali reunidos, mais uma restrição à sua liberdade. Assim, em pouco tempo a maioria acompanhava em silêncio os esforços dos que apelavam para o misticismo, tentando impedir a propagação das chamas.

E isso aconteceu, realmente, para delírio geral. De repente, o vento encrespou e, sem nada que o justificasse, passou a soprar em outra direção. Alguém, mais afoito, entoou um cântico a Iansã, que logo foi repetido por outros. Os bombeiros, animados pela multidão, redobraram os esforços, certamente a se perguntar que gente estranha era aquela, para a qual o hotel era tão importante.

Quando o dia começou a clarear e as chamas se extinguiram, o nº 55 da Rua Gomes Freire restava impávido e intocado, junto aos dois outros prédios destruídos. A essa altura, os que lá tinham ficado até o fim resolveram partir em busca do primeiro bar que abrisse nas proximidades, para uma confraternização geral. Enquanto outros preferiam retornar ao hotel liberado pelos bombeiros e retomar o sono que fora, horas antes, interrompido pelos gritos de "fogo!"

Adão Acosta

LORD CORNBURY ? UMA AUDACIOSA

Se ainda hoje existe gente na triturante São Paulo ou na louquíssima Copacabana (capital do Estado do Rio de Janeiro) que se escandaliza com os travestis que circulam pelas ruas, imagine-se o escândalo que eles deveriam provocar nas provincianas aldeias do Brasil-colônia. Como não existiam? Pasmem, porque eles existiam, sim. Uma crônica paulistana do início do século XVIII fala de um grupo de homens disfarçados de monjas e mulheres com trajes de frades (mau gosto ou pobreza, mesmo?), que, acossados e mal vistos como um bando de ciganos ou leprosos, andavam de vila em vila perseguidos pelas milícias. Como se vê, as "precursoras", coitadas, não recebiam na época o tratamento gentil e delicado que as suas representantes de classe recebem hoje da polícia...

Isto, porém, não era válido para todos os travestis: existiam os privilegiados. Na América do Norte e na mesma época, por exemplo, houve um que "pintava e bordava em todas as cores e matizes", sob proteção da Rainha Ana, da Inglaterra. Sendo os Estados Unidos uma possessão inglesa, Lord Cornbury, que era primo da rainha, fora nomeado Capitão-General (cruzes!) e governador-geral de New York e New Jersey; e aproveitou (imaginem a cena) a solene abertura da Assembléia em 1702, e posteriormente várias reuniões sociais, políticas, paradas militares etc., para exibir verdadeiros desfiles (individuais) de moda, cujos modelos concorriam nas categorias de originalidade e luxo com as que a prima real usava em Londres.

O noticiário da época não dá muitos detalhes, mas pode-se imaginar as passarelas incríveis que ele mandava construir para esses desfiles de elegância (ele podia, porque era o capitão-general e o governador!...). Quando as demais autoridades e o **society** locais se queixaram, ofendidos e escandalizados, Lord Cornbury respondeu com arrogância: "Sois estúpidos se não compreendeis. Neste lugar e nesta ocasião represento uma mulher, sua majestade a Rainha Ana, e devo, sob todos os aspectos, representá-la o mais fielmente possível". E como a Bette Davis disse quando filmava **A Malvada**, na Fox, o governador deve ter acrescentado para os bastidores: "Audácia dos bofes!"

As duas faces de Lord Cornbury: de homem (à esquerda) e de mulher

Não se explica se a argumentação pegou ou não, mas de qualquer modo, mesmo com muitos desmaios e muitos sais, a excentricidade de Lord Cornbury teve que ser suportada por seis anos, até que ele recebesse ordens de voltar à Inglaterra.

Porém, convenhamos que se era apenas para a "tia" se embonecar, não precisava ter levado a situação ao extremo de enfrentar, dessa forma, a opinião pública da colônia, porque a moda barroca previa trajes masculinos bastante elaborados, com cetins, tecidos adamascados, galões, jabôs de rendas e muitos lacinhos, o que daria, mesmo vestido de homem, para Lord Cornbury esbaldar-se à vontade. Os bofes da época, mesmo os muito machões (porque eles sempre existem e resistem, mesmo nos períodos de maiores desmunhecações), comumente se maquilavam tanto ou mais que as mulheres. As perucas eram as mais altas, longas e cacheadas que a elegância já determinou até hoje, e no entanto eram feitas exclusivamente para os homens. Afinal, em moda, como em tantas outras coisas, tudo é convenção: o que hoje é bonito, amanhã parecerá feio, o que hoje é atributo masculino, amanhã será feminino e vice-versa. Remanescentes dessas antigas perucas são ainda hoje usadas na Corte Suprema da Inglaterra.

Lord Cornbury porém não deixava por menos e talvez até exagerasse para afrontar a mentalidade provinciana dos novaiorquinos, próximo dos quais se sentia desterrado e nostálgico dos requintes da Corte. Pessoas que documentaram sua permanência no cargo falam dele como um perdulário corrupto, jogador, bêbedo, louco, inútil, incompetente, trapaceiro e gastador frívolo (ufa!). Comose vê, os termos **gay** e outros considerados pejorativos ainda não tinham sido inventados ou eram tão terríveis que as pessoas os evitavam. PorémCornbury, ali, firme e glorioso no seu posto.

Apesar de gastar muito consigo mesmo, o governador era tão mesquinho com a esposa que (dizem) a coitada via-se obrigada a roubar para subsistir. As considerações sobre as condições matrimoniais deles ficam por conta da consciência de cada leitor, mas, sobre os tais roubos, talvez a história esteja mal contada ou deturpada. O que pela lógica se presume é que a outra fosse cleptômana mesmo, jogando a culpa sobre o marido, e que a prima Ana, para se ver livre da dupla **travescleptômana**, pelo menos para repousar por uns tempos, a tenha despachado para a América. Mas, se de qualquer forma Cornbury era mesmo "mão fechada" com a mulher, cabe-nos imaginar um dos seus "pegas" cotidianos:

— Como, mulher? Dinheiro para comprar roupas? Em tempos difíceis como este, acha que posso gastar com suas frivolidades? Ora, use um dos meus vestidos velhos. O cor-de-rosa com debruados brancos dá ainda para sair. Faça uma reforminha e pronto!

Seu período de governo foi apontado pelos contemporâneos como o mais prejudicial à coroa inglesa de toda a dominação. Quando estava para regressar à Inglaterra, detiveram-no no porto e ele foi conservado preso até pagar todas as dívidas. Porém... Ele era o xodó da rainha, que, apesar do porte corpulento do primo, devia achá-lo uma graça. Assim, em 1711 ela o nomeou membro do seu conselho privado. Um luxo, dizem, a rainha e o primo saindo para as comprinhas e trocando idéias. Só que quando Lord Cornbury aparecia acompanhado da esposa, a Rainha Ana, por precaução, escondia os anéis e as tiaras.

(Darcy Penteado).

À procura de um emprego

Será que os homossexuais brasileiros vão chegar um dia ao ponto de brigar por uma lei que os proteja da discriminação no emprego ou na obtenção de moradia? A pergunta é válida, porque parece que o movimento guei norte-americano está entrando pelo cano de tanto exigir junto ao Congresso a aprovação de leis específicas nesse sentido.

Explica-se: obtendo algumas vitórias nesse campo, o Gay Lib acabou perdendo a simpatia da maioria silenciosa que vinha apoiando discretamente a liberação bicha e até alguns grupos minoritários igualmente oprimidos começaram a achar que os homossexuais estão querendo o status de minoria privilegiada, segundo um ensaio que o semanário conservador Time publicou na edição de 8 de janeiro.

Bom, e daí? A primeira impressão é que nós brasileiros pouco temos a ver com tudo isso; afinal, se por aqui não se têm nem as garantias mínimas de cidadão, a visão futurística de um grupo de companheiras formando um lobby no Congresso nacional para aprovar uma lei em defesa do professor-bicha parece simplesmente ridícula.

Mas é um engano. Para começar, vale a pena discutir esse tema porque esse recurso foi um dos utilizados pelos gueis dos EUA para lutar contra a opressão. Se é bom ou mau, se adiantará alguma coisa, não sei. No entanto, a partir dessa discussão poderão surgir novos caminhos para a luta que as bichas brasileiras, que só agora começam a se organizar, vão ter de realizar mais cedo ou mais tarde para defender seus meios de sobrevivência e moradia.

Senão vejamos: a discriminação nesse campo está mais do que na cara. É lógico que ela não se apresenta visível. É mascarada, fingida, e por isso mesmo mais perceptível. Tenho certeza de que todo homossexual sente uma dorzinha no coração cada vez que vai procurar um emprego. Se a sua solicitação é rejeitada, o patrão não diz que ele simplesmente não quer um viado, um indivíduo "anormal", na sua organização. No máximo informa que o candidato não foi aprovado no teste ou que a vaga já foi preenchida. No fundo a bicha sabe que não são bem aqueles motivos, mas o melhor é partir para outra.

Depois, tem aquele velho clichê: bicha tem que ser cabeleireiro, costureiro, maquiador, ou então fazer parte dos trabalhos intelectuais — artistas plásticos, escritores, jornalistas — ou estar infalivelmente ligado ao meio teatral, seja ator ou simples bilheteiro. Na verdade, o homossexual busca essas atividades pos instinto de sobrevivência. Como são, na sua maioria, seres de grande sensibilidade e inteligência, geralmente com talento invejável, "enclausuram-se" nessas espécies de guetos profissionais onde as suas habilidades são aceitas com razoável grau de liberdade. Mesmo porque esse tipo de trabalho reforça a imagem de marginalidade — trata-se de "atividades não produtivas", de acordo com os padrões vigentes - que a sociedade faz questão de atribuir à condição do homossexual.

Ah, mas existem muitos executivos bichas — dirão alguns. É claro que existem, está cheio. Mas desafio a que me apontem um executivo que tenha pedido o emprego sem dar uma tremenda disfarçada nas suas características pessoais. Basta dizer que para esse tipo de emprego o candidato deve se apresentar invariavelmente dentro dos padrões "normais" até na vestimenta, isto é, de terno e gravata. E enquanto não termina o período de experiência, nada de dar bandeira. Só com o tempo, e as amizades que irão se formando, será possível sentir-se um pouco mais à vontade doque os judeus nos campos de concentração nazistas. A grande decepção, conforme o caso, vai surgir na primeira oportunidade de promoção para um cargo melhor. Pessoalmente, conheço diversos caras inteligentes e esforçados que foram preteridos para posições de chefia por serem homossexuais. "Não haveria respeito às suas ordens" — supõe-se que seja o raciocínio do patrão.

Para operários e técnicos então a barra é ainda mais pesada. Existe uma série de esquemas "cata-anormais" para evitar que esses indivíduos, desde homossexuais e alcoólatras, venham a prejudicar o clima de produção desenfreada da empresa. O mais manjado desses dispositivos é o tal Departamento de Seleção, muitas vezes formado por estudantes de Psicologia inexperientes e reacionários, que vetam o acesso de qualquer indivíduo que fuja ao que os teses psicológicos (a maioria importada dos Estados Unidos, um país ocidental e cristão) considerem normalidade.

Emfim, a questão do emprego, e como os homossexuais farão para evitar mais esse tipo de discriminação, está em aberto. E trata-se de um assunto de vital importância, porque é preciso trabalhar para se poder viver, seja o trabalhador homo ou heterossexual.

Nos Estados Unidos a briga começou com professores de escolas públicas, nas quais os pais dos alunos consideram perniciosa a influência de homossexuais confessos no ensino. Isso deu margem a um processo jurídico que, pelo menos é a impressão, levará a um debate amplo da discriminação no campo de trabalho daquele país. E nós, nesse capitalismo selvagem onde o desemprego é muito maior, e o preconceito atinge a todo mundo, o que faremos a respeito? (Eduardo Dantas)

Fotos: Kleber R. R. Guimarães

Mário Chaves, a Mariza Caveira, é, na crônica submundística do Rio, um dos últimos sobreviventes de uma rara espécie de divas da escuridão, Greta Garbos, noturnas e míticas cuja função mais importante era inquietar as mentes e os corações menos avisados. Ainda hoje ele pode ser visto no que restou da Lapa, em noites de lua cheia, a esconder sob uma blusa transparente seus incríveis seios de menina, passeando seu cachorro Afgã Hound e compondo com este, uma figura que faria Salvador Dali morder os bigodes de inveja. Visão do inferno para uns, miragem onírica para outras, Mariza tem servido até de inspiração a artistas, como aconteceu, recentemente, na exposição Ritos de Passagem. Frederico Guilherme Pontes de Souza, um dos expositores, utilizou fotos suas, registrando "a sua passagem, na transformação de homem para mulher". A seqüência de fotos, que aqui reproduzimos, é magistral, e deixa bem claro tudo o que dissemos de Mariza. Ele nos lembra (atenção, libertárias) aquele trecho do poema de Brecht: "o que é certo não é certo. As coisas nunca ficam como estão".

Ensaios Populares

Mulheres do mundo inteiro...

Cada ano que passa novos fatos acontecem. Novas esperanças surgem, antigos sonhos morrem. Muitas vezes na árdua batalha diária, já meio descrentes, vamos nos tornando apáticos, acomodados, alheios. 1978 chegou com uma carga muito grande sobre os ombros : era a expectativa da sucessão presidencial, eram as eleições de 15 de novembro, etc. Também o Ano Internacional da Mulher — Ano I da Mulher Brasileira.

1978 chegou ao fim, fala-se agora nas expectativas, nos sonhos, nos planos para 1979, que é o Ano Internacional da Criança — Ano I da Criança Brasileira. Inegavelmente, surge em nossos lábios a pergunta: o que foi realizado de bom em 1978? Quais foram as vitórias que as mulheres conseguiram neste ano que lhe foi dedicado inteirinho? Principalmente, quais foram as vitórias que as mulheres homossexuais conseguiram?

Posso dizer, que, na minha opinião, os fatos mais significativos foram a criação do nosso já muito querido LAMPIÃO e a publicação do Relatório Hite, que, embora censurado, foi lido por muitos. A mulher brasileira, em sua grande maioria, ainda não parou para pensar sobre sua condição inferior — por mais que falem, ela ainda é vista como inferior. Ela ainda não se conscientizou da importância de uma liberdade pessoal.

O Relatório Hite, mesmo baseado em dados sobre a mulher americana, fornece um vasto material para debatermos. As mulheres sofrem terrivelmente por não terem ainda tentado entender seu próprio sexo. É quase um milagre encontrarmos uma mulher que aceite o sexo, o ato sexual — seja ele homo ou hetero — sem traumas, frustrações, conflitos, etc.. Quanto tempo levará para que elas se conscientizem de que já passa da hora de mergulharem em si mesmas e tentarem se compreender sem o falso moralismo, sem os dogmas incutidos no mais fundo de suas mentes?

Existe entre o povo o conceito de que a mulher quando chega na faixa dos trinta anos é que "está no ponto". E por que isso? No livro **A Mulher — Enigma Psico-sexual**, de Pierre Vachet, encontramos: "Antes dos trinta anos não acontece nada de especial. Até aí, no amor, é sobretudo zelosa e gentil. Depois disso ela gosta realmente do amor e torna-se requintada". E, citando Mathews Duncan, no mesmo parágrafo, temos: "que é entre os trinta e os trinta e quatro que a mulher descobre ou atinge o desejo e o prazer sexual em todo o seu esplendor".

Além de toda uma carga de "linha moral" que jogaram sobre seus ombros para ela seguir, agora também exige-se da mulher o gozo. Se ela não consegue atingi-lo, seu parceiro não procura, com ela, descobrir o porquê. Ela logo é rotulada de anormal. Inclusive pelos "especialistas". Hoje virou moda exigir isso da mulher. Não a deixam senti-lo como ela bem o quiser e quando quiser puder. Traçam para ela uma espécie de "Guia Prático de Como As Mulheres Devem Sentir o Gozo" — isso foi fartamente demonstrado pelo Relatório Hite.

Aos homens, é muito mais fácil colocarem a culpa nas mulheres. Contudo, esquecem que, se a mulher não consegue sair bem na relação, a culpa, ao contrário do que eles pensam, não é dela. Entretanto, de uma certa forma é aceitável a ignorância da mulher quanto ao sexo, pois agora é que ela começa a se libertar. Mas o que dizer dos homens, maus amantes, que só procuram o ato sexual com o objetivo do prazer próprio?

O Homem desde sempre praticou o sexo com total liberdade, e entretanto, nunca deu-se ao trabalho de tentar descobrir o que era melhor para a sua parceira. Abordem um homem qualquer sobre o aparelho sexual feminino. Ele nada sabe! Não sabe sequer do seu, quanto mais do das mulheres.

Também, e principalmente, no sexo homo as mulheres estão ainda presas a traumas, complexos, conflitos, etc.. Acredito sinceramente que, quanto mais solto, saudável e completo é o àto sexual, mais livre, seguro e tranqüilo torna-se o ser que o realiza. Em outras palavras, quanto mais livre é o ser na cama, mais livre é no convívio social.

LAMPIÃO, infelizmente, está meio acomodado. Ele chega todo mês, preenche o espaço e acabou. Ele não provoca brigas (no bom sentido), não nos traz debates, participações mais ativas... As mulheres, no Lampa chegaram uma vez, deixaram seu cheiro e foram embora. Precisamos de algo que nos mexa por dentro, nos faça parar para pensar, nos sacuda mesmo. É um tema, creio, muito valioso para este ano que mal se iniciou.

Rita Foster-Brother

(Atenção, leitores: o artigo deRita Foster Brother foi o escolhido para publicação neste número. Mandem suas colaborações, entrem na fila; Esta seção é de vocês).

Nas bancas o "Gay News"

O antigo **Jornal do Gay**, publicação paulista destinada aos entendidos, mudou de nome: agora chama-se **Gay News**, e apresenta-se aos seus leitores mais ágil, com uma paginação mais simpática, e como representante de "um grupo gay internacional". Num editorial, seu novo editor, David Wallace Brown, conclama todos os editores da imprensa gay brasileira "a fazer do **Gay News** a arena dos seus debates", numa demonstração de que o novo jornal veio para somar, o que é ótimo.

Partindo dessa conclamação, lemos o jornal com a maior simpatia, mas nos achamos na obrigação de esclarecer um equívoco cometido por um dos seus colunistas. O Sr. Valentina Guerra, responsável pela seção intitulada **Cê Tá Boa, Nêga?.** Ele reclama que Darcy Penteado, no LAMPIÃO nº 6, ao escrever sobre eleições, chamou os homossexuais de **anormais.** Ora, Sr. Valentina, a expressão não está no artigo de Darcy, mas sim no de Aguinaldo Silva. E está colocada entre aspas, grifada, para que fique bem claro que se trata de uma referência ao modo costumeiro como a palavra é empregada, e com o qual o autor do artigo absolutamente não concorda. Quanto às considerações finais do Sr. Valentina sobre "a orientação ideológica" de LAMPIÃO, e a sua declarada preferência pelo programa do Chacrinha, preferimos nada comentar. Afinal, gosto não se discute.

LAMPIÃO da Esquina

A difícil batalha dos censores contra a realidade

Para o Brasil do ano 2.000, os "bons costumes" do século XIX

Nos últimos dias de dezembro o diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, Rogério Nunes, concedeu uma entrevista ao Globo, na qual disse que a legislação a ser cumprida pela censura "impõe restrições, de tal forma incoerentes com a moral vigente na moderna sociedade, que o trabalho dos censores acaba se transformando numa constante batalha contra a realidade". Para as pessoas que fazem LAMPIÃO da Esquina, essa declaração do Sr. Rogério Nunes foi da maior importância, pois é exatamente baseado nestas restrições "incoerentes com a moral vigente na moderna sociedade" que o DPF está realizando um inquérito contra esse jornal, tentando enquadrá-lo na Lei de Imprensa sob a acusação de "ofensa à moral e aos bons costumes", por falar sobre homossexualismo.

Não que LAMPIÃO concorde com a posição do diretor da Divisão, para o qual os critérios da censura deveriam ser apenas atualizados; achamos, ao contrário, que ela deve ser simplesmente abolida; mas na medida em que o Sr. Rogério Nunes recebe um jornalista em seu gabinete em Brasília para dizer que "os atuais critérios (da censura) são extremamente subjetivos e até mesmo politicamente desastrosos", é possível esperar que, no caso do nosso jornal, as pessoas encarregadas de decidir se ele é atentatório ou não reajam com a mesma contemporaneidade: não é possível fabricar pílulas anticoncepcionais indiscriminadamente e, ao mesmo tempo, acreditar que os bebês nascem dos repolhos ou do bico diligente das cegonhas; da mesma forma, não é possível considerar **imoral** a luta de um determinado grupo — discriminado sexualmente — para sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade, deixando de ser, dessa forma, cidadãos de segunda classe.

LAMPIÃO, como informou desde o começo aos seus leitores, é um jornal de minorias, que se dispõe, ao mesmo tempo, a levantar uma questão raramente discutida em outros órgãos da imprensa: a necessidade de assumir o prazer como um dos direitos fundamentais do homem. A tese de que, quanto a essa questão, é de bom tom não vê-la a partir de determinados prismas — o homossexualismo é um deles —, não poderia nunca ser encampada por nós porque isso seria aceitar o fato — este sim, imoral — de que a hipocrisia deve obrigatoriamente fazer parte de nossas vidas.

Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mantidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta como padrões ideais — é o caso do **sapatão** e da **bicha-louca** —, não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano. A este respeito é sempre bom citar os especialistas; lembremos Charlotte Wolff, da British Psychological Society, que, falando sobre o comportamento dos homossexuais mais **pintosos**, escreveu: "Convém lembrar que as reações psicológicas exageradas, neuróticas ou não, são conseqüência de agravos passados".

Numa tentativa de evitar que estes agravos se perpetuem é que LAMPIÃO veio à luz. E não se trata de um fato isolado —, há outros jornais como o nosso sendo consumidos não apenas no Ocidente, e não é à toa que, em plena onda de liberalização na China, um jornalista ocidental tenha lido num **dazibao**, um dos jornais murais que atualmente enfeitam os muros de Pequim, a seguinte frase: "O que nós pretendemos é obter o direito de praticar o sexo **com quem, quando** e **como** quisermos".

Também temos notícias, no Brasil, de uma onda de liberalização. Dela viemos colhendo, desde o fim da primeira metade de 1978, sinais evidentes. E nela, LAMPIÃO — como outros órgãos da imprensa progressista, dos quais somos necessariamente afins — tem, obrigatoriamente, o seu lugar. Caso contrário, não teremos liberalização, mas sim, um arremedo. Ou seja, estaremos falando mais uma vez — como linhas acima — da imoralidade que é a hipocrisia transformada em instituição.

Aguinaldo Silva

"O Globo": uma opinião insuspeita

A entrevista do diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF, Sr. Rogério Nunes, publicada no dia 23.12 provocou, no dia seguinte, uma reação do GLOBO. Em um editorial à página 3, aquele jornal emite sua opinião sobre o assunto. Vale a pena reler:

Censura autocrítica

RECONHECE enfim o próprio Diretor da Divisão de Censura do Departamento de Polícia Federal, Rogério Nunes, que a atual legislação da censura está distanciada dos padrões da moral vigente na sociedade moderna, donde o caráter anacrônico, irrealista e intolerante de muitas decisões daquele órgão.

NO CASO das artes em geral, os critérios "extremamente subjetivos" dominam a mente e o trabalho dos censores, levando-os a ver fantasmas ao meio-dia e em cada esquina. Para o Governo e para a imagem externa do Brasil, os resultados políticos desse obscurantismo intelectual e artístico têm sido "desastrosos".

PODERIA o Sr. Rogério Nunes citar numerosos exemplos de proibições estapafúrdias no campo do teatro, do cinema, da música, às vezes com o requinte de surgir o veto quando as peças teatrais e os filmes já se achavam liberados e a música já exaustivamente conhecida do público. Não devem ignorar os responsáveis por tais cincadas que só conseguiram aumentar a curiosidade e o interesse de grande parte do público em torno das obras postas no Index, além de exercer-se por aí uma forma de protesto.

FALTARIA explicar apenas por que tanta certeza sobre as distorções da política de censura, a partir do órgão encarregado de administrá-la, não levou o Departamento de Polícia Federal a promover oportunamente a renovação e correção dos parâmetros adotados, ainda hoje em fase de anteprojeto.

QUANTO à vigilância mais severa dos censores para o rádio e a televisão, cuja manutenção o Sr. Rogério Nunes defende, parece evidente que o problema não constitui fato isolado no quadro de irrealismo e incoerência em que tem vivido a censura, mesmo antes da liberalização do regime. Também terá que sofrer as adaptações preconizadas pelo diretor da DCDP, na sua benvinda autocrítica.

Cada época com a sua medida

Na época da expansão colonialista os poderes metropolitanos defrontaram-se com sociedades com moral e bons costumes bastante diferentes dos seus. Classificaram tais sociedades de "primitivas", e se sentiram na obrigação divina de impor a todas elas suas próprias regras de conduta. A teoria da evolução cultural serviu para justificar tanto as tentativas de erradicar os costumes considerados "bárbaros", como a exploração econômica destes povos.

A antropologia social do século XIX se baseou nesta teoria e arregimentou informações sobre povos ditos primitivos para esmiuçar o traçado unilinear da evolução cultural, que desembocaria nas sociedades européias, com as suas instituições de família monogâmica, de propriedade privada e de Estado. Com o decorrer do tempo, entretanto, a antropologia social percebeu que não era bem assim, e desenvolveu o conceito de relativismo cultural. Através deste conceito, cada sociedade era vista como um todo coerente, com sua moral e seus bons costumes próprios. Assim, a antropologia social pode denunciar as tentativas, por parte de uma sociedade etnocentrista, de impor sua moral e seus bons costumes sobre uma outra; e através de prolongadas pesquisas de campo, forneceu um verdadeiro arsenal de informações que mostram a intrincada relação entre moral e bons costumes e a estrutura social destas sociedades.

E tudo isto ficou claramente evidenciado nas regras sobre sexualidade adotadas por cada uma destas sociedades. Se o padrão de virtude da sociedade inglesa do fim do século XIX foi o paterfamílias monogâmicamente casado, o herói da sociedade Shona da Rodésia, com a qual convivi durante três anos, era o homem com três ou mais mulheres. Se nesta mesma sociedade inglesa, Oscar Wilde poderia ser encarcerado por dois anos por ter sido julgado um pederasta, entre os Kandiwéu do brasil, um homem que resolve ser mulher "é uma figura absolutamente aceita, integrada pelo grupo" (vide LAMPIÃO nº 8)

Nas sociedades pré-letradas a moral e os bons costumes evidentemente não chegaram a ser codificados por escrito. Eram noções que cada um adquiriu através da sua socialização, e que são reforçados por uma série de instituições — desde cortes formais, até acusações de bruxaria, e o simples — mas não menos eficaz — uso da fofoca e do fuxico. Nestas sociedades pouco diferençadas e sem instituições de Estado ou exploração econômica de uma classe por outra, estas regras são compartilhadas por todos, e existe um consenso generalizado sobre o que é certo e o que é errado. A noção do homem razoável é compartilhada por todos os membros da sociedade.

Já nas sociedades mais complexas, com grande divisão de trabalho e com instituições diferençadas, certas regras de moral e bons costumes chegaram a ser codificadas e escritas, de modo a constituírem leis. **Estas leis são reforçadas por instituições especializadas, tais como a polícia e os juízes. Toda uma infra-estrutura existe em função deste processo: faculdades de Direito, escolas de polícia, promotores, prisões e, mais recentemente, psiquiatras. Nas sociedades capitalistas modernas este enorme aparelho existe, aparentemente, para escrever leis, julgar os que as infringem e puní-los devidamente. Mas, por mais que se codifique as regras de boa conduta de uma determinada sociedade, dessa forma transformando-as em leis, outras regras continuam a existir, sem ser escritas — continuam existindo como "moral e bons costumes", reforçadas pelos mecanismos informais de controle social, como a fofoca, o fuxico, o boicote, e assim por diante.**

Mas existe uma grande diferença entre as sociedades pré-letradas e sem instituições diversificadas e as sociedades capitalistas modernas, além da presença ou não de leis escritas e instituições jurídicas formais, e esta diferença decorre, fundamentalmente, da enorme diferenciação social das últimas em relação às primeiras. Se podemos constatar que nas sociedades sem Estado e diferenças sociais, a moral e os bons costumes são compartilhados por todos os membros da sociedade, independente de idade, sexo, etc., nas sociedades capitalistas modernas esta constatação, simplesmente, não pode ser feita, pois, com a divisão social do trabalho, com a noção da propriedade privada e com a conseqüente distribuição desigual dos recursos materiais e não materiais da sociedade entre seus membros, criam-se classes e categorias de pessoas que, embora pertencentes à mesma sociedade, experimentam-na de maneiras fundamentalmente diferentes. Tomando o fator classe social, por exemplo, é inegável que a experiência social do brasileiro favelado tem pouco em comum com a experiência social do brasileiro dono de indústria e morador dos jardins de São Paulo ou da Zona Sul do Rio de Janeiro. Mas classe social é apenas um dos fatores que faz com que a experiência social de uns não corresponda à de outros. Tamanha a rapidez de mudança social em todos os sentidos, que a experiência social de uma geração é radicalmente diferente da de uma outra. E isso é verdade tanto no que diz respeito à classe operária, como às classes média e burguesa. Fica evidente, portanto, que o que constitui moral e bons costumes para uma geração, não o constitui para outra. Poderia citar, apenas como um exemplo, a história recente das religiões afro-brasileiras. Há duas décadas os macumbeiros, candomblezeiros e umbandistas do país eram, em sua vasta maioria, negros e pobres. Seria contra a moral e os bons costumes da classe dominante e branca participar nestes rituais. Agora há grandes contingentes de gente branca e rica fluindo para os terreiros e, longe de ser contrário à moral e aos bons costumes, o candomblé é considerado por muitos ricos e brancos como até chic.

Agora, para voltar à sexualidade, é digno de nota que o Código Penal brasileiro, baseado no código napoleônico, nunca chegou a transformar todas as regras da sexualidade em leis. **Assim, embora o código declare que é ilegal um homem casar com mais que uma mulher, que é ilegal manter relações sexuais com a pessoa que é menor de idade, em lugar nenhum fala a respeito das relações sexuais entre adultos do mesmo sexo, masculino ou feminino.**

Reconhece, portanto, o Código Penal, que as regras que dizem respeito à homossexualidade não pertencem à esfera pública da sociedade, mas sim à esfera privada, e que podem variar de um grupo para outro, de uma classe para outra, de uma geração para outra, e assim, de uma época para outra. É da natureza da moral e dos bons costumes que estes sejam fluidos e variáveis; portanto, não é possível incorporá-los ao Código Penal, que estabelece as mesmas — e imutáveis — regras para toda a sociedade.

Agora, se a moral e os bons costumes, por definição não fazem parte do corpus juris **da sociedade, é mais que contraditório que o sistema legal tente opinar sobre o que é atentatório contra eles. Não invejo o promotor ou o juiz que tenha que declarar o que é que constitui a moral e os bons costumes para todo o Brasil. No final das contas, o Brasil é muito grande, muito diferençado. E dizem que ele não pode parar.**

Peter Fry

Helena Sangirardi dá a receita certa

Quem não conhece Helena Sangirardi há longo tempo? Para dar um único exemplo, um antigo amigo meu colecionou durante toda a segunda metade da década de 40 — ele era uma criança então, naturalmente — as receitas que Helena publicava semanalmente na **O Cruzeiro**. Jornalista (carteira da ABI de 1945), mestre-cuca (começou a fazer culinária na TV em 1952), animadora cultural com um programa na Tupi pelo qual passaram artistas de todas as gerações e escolas, feminista, liberta e libertária, espírito generoso e atento, ela é, enfim, uma dessas pessoas que não se fazem mais. Mesmo assim Helena é modesta: "Nunca consegui ser brilhante escrevendo, só dando entrevistas". Apesar disso, tem 11 livros publicados, sobre culinária e assuntos femininos.

Qual a razão de seu sucesso como criadora de receitas?, pergunto. "Eu enlouqueci a culinária, dei à cebola o seu lugar ao sol, ousei coisas que ninguém ousou, com exceção naturalmente de Salvador Dali que, no seu livro **Dinners de Gala** apresentou uma receita de sopa de feijão com orelha de porco como **hors-d'oeuvre**. Imagina você o que não vinha depois". Mas ela criou também uma "imagem" para a cozinha brasileira, deu-lhe o toque estético. Sua preocupação com o aspecto dos pratos tornou-se uma obsessão desde que soube que o poeta francês Blaise Cendras, ao visitar o Brasil nos anos 20 e ao ver uma feijoada teria gritado: "Mon Dieu, mais c'est de la merde!"

Helena foi amiga de quase todo o pessoal pioneiro da arte moderna: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila, Álvaro Moreyra, Flávio de Carvalho. Mas então você começou muito nova ou é muito antiga, me espanto. Resposta: "Hoje o pessoal diminui tanto a idade que todos começaram sua carreira engatinhando. Eu me iniciei no jornalismo antes de nascer..." Para o seu excelente aspecto físico ela dá logo uma explicação: "É que eu fiz uma plástica em 1962. O médico só cobrou a barriga, mas acabou fazendo tudo: peitos, papada, cara. Acho que está na hora de fazer outra".

Teve uma época em que Helena foi também dona de restaurante, o Subway. Existe até hoje, na Avenida Rio Branco, 14, no Rio, mas não é mais dela. "Era um luxo, freqüentado por senadores e deputados. As mesas ficavam numas espécies de baias, cada uma delas tinha telefone e os fregueses sentavam-se em sofás. Um amigo paulista chegou lá uma vez, ficou espantado com a parafernália e não se agüentou: 'Só faltam os bidês!'"

Helena Sangirardi já estava na nossa alça de mira há algum tempo para uma entrevista. Para este número do **Lampião**, em que debatemos e pedimos a tantas personalidades sua opinião sobre "Moral e bons costumes", achamos que seria ideal obter de Helena uma receita sobre o assunto. É o que os leitores terão a seguir, como nos velhos tempos da **O Cruzeiro**, mas só que mais bem condimentada. Que façam bom proveito.

Francisco Bittencourt

Não há nada a discutir e modificar. Melhor apagar tudo e fazer de novo. Esse Código de Censura, com 33 anos de existência, se se tratasse de uma pessoa, já teria vivido uma vida inteira. Teria atingido a maioridade, feito serviço militar e, na idade de Cristo, estaria com um panorama totalmente diferente do mundo, a menos que crescesse numa prisão de pensamentos tacanhos. Durante esses 33 anos de vida aconteceram os Beatles, vieram e acabaram os hippies. O mundo deu uma reviravolta tão grande que culminou com a revolução do sexo, com a aceitação do terceiro sexo. Houve uma abertura no Rádio, na TV, no Teatro, no Cinema e na Imprensa mais voltada para o sexo: piadas mais livres, a pimenta mais solta, menos preocupação em conter os seus pô, como nas novelas, onde muitas vezes eu ouço as duas sílabas em vez de uma só... Até o Flávio Cavalcanti — que é tão circunspecto em sua linguagem — já disse, em 1979: "Eu já não tenho mais saco para esse tipo de música! Não tenho mais saco!"

Eu acho ótimas essas coisas, não vai nenhuma censura nisso. Estou só falando na Abertura que vem engatinhando. Gosto até quando meu neto de 5 anos me ensina algum novo palavrão. Chico Buarque de Hollanda, dia destes, falando a um jornal sobre suas músicas re-censuradas, se perguntava se o seu Especial da TV Bandeirantes não o seria também. Nesse Especial ele se referia à suspensão da censura e afirmava que não se poderia receber isso como um favor, mas sim como uma coisa natural, que não se precisa agradecer.

O Presidente João Baptista de Figueiredo jurou que faria do Brasil uma democracia. Agora eu pergunto ao Lampião: Diante disso, uma censura de 1946 pode prevalecer ainda? A devolução do Brasil à democracia deve começar em todas as frentes onde algum dia ela deixou de existir. Se o próprio diretor da Censura reconhece que o trabalho dos censores "é uma constante batalha contra a realidade", vamos todos dar as mãos e aterrisar. Com os pés solidamente no chão a realidade terá de aflorar. Não é só a liberdade dada aos programas humorísticos com relação à política e aos políticos que vale. Eu sou uma pessoa que vê novela, e assunto isso. Então a gente fica sabendo: tiveram que matar Celina, a mulher do Franklin, para que ele pudesse ter um romance com a Carminha, como se essa não fosse a receita normal. A Censura com isso não estava em 1946, mas sim em 1900, quando se faziam as mesmas coisas, só que mais escondido do que em 1946, e em 1946 mais escondido do que em 1979.

Não estou discutindo Dancin' Days nem outras novelas, mas a interferência dos censores no trabalho dos novelistas e teatrólogos, impondo uma moral e bons costumes que já era... Felizmente nunca tive problemas com a Censura em meu trabalho, mas quando me refiro à Censura, estou reclamando dos critérios usados já sob o falso título de Moral e Bons Costumes. Esse rótulo nos leva a crer que serve para esconder imoralidades e maus costumes dos que ditaram as normas.

Confesso que estou muito feliz com a nomeação de Eudardo Portella, que é um sujeito brilhante e inteligente, e que deveria ser ouvido na hora em que fossem elaborar um novo Código de Ética, Moral e Bons Costumes para Rádio, TV, Imprensa, Cinema etc. Por que dissociar o Ministério da Educação desse novo código, se é que ele tem de acontecer? Mas pergunto ainda: lá fora, em outros países, como Inglaterra, França, existe este tipo de código que rege as chamadas diversões? Seremos obrigados a ele? Então que venha com a marca de um intelectual que saiba avaliar o quanto dói um corte no seu trabalho literário. Numa Democracia é necessária a Censura? Respondam-me os que souberem. E viva a liberdade de Imprensa!

Helena Sangirardi

"Ma che cosa é questa?"

Esta indagação sobre "moral e bons costumes" decorre de um fato que está acontecendo nos salões da Polícia Federal e do qual LAMPIÃO é o **pivot**. A julgar pelo caráter das perguntas que nos estão sendo feitas e pela absoluta falta de razões, não restam dúvidas de que, mais do que uma tentativa para um possível enquadramento dentro do previsto pelo "moral e bons costumes", trata-se de uma rotineira forma de opressão que ainda vigora, apesar das aberturas prometidas e ensaiadas, visando intimidar principalmente os da imprensa nanica, que pelo seu próprio caráter minoritário não está vinculada direta ou indiretamente aos meios e às idéias oficiais.

Não eixste contra nós nenhum processo formado. É um inquérito policial baseado numa denúncia feita sabe-se lá por quem, mas que deve ser alguém muito complicado para querer encontrar em LAMPIÃO algo que seja ou pareça imoral, a menos que se considere imoralidade defender a ecologia, tentar conscientizar homossexuais do seu papel atuante na sociedade ou reconhecer os direitos das mulheres e dos índios. Nossos leitores, porém, não devem ficar preocupados com o jornal e com os conselheiros lampiônicos: nós continuaremos respirando enquanto existir oxigênio.

O código da Censura Federal, nascido em 1946, completará brevemente 33 aninhos. Quase tão velho, portanto, como muitos senhores circunspectos e de calvície proeminente que andam por aí. Trinta e três anos foi também tempo bastante para Cristo pregar a doutrina que mudou o mundo. É bem verdade que não o perdoaram por isso e, como vocês sabem, ele foi crucificado, tendo do passado antes por um inquérito dos mais linha-dura que a História tem notícia.

Como tudo hoje evolui e transforma-se muito rapidamente, o código da Censura tornou-se tão obsoleto que o seu próprio diretor, o Dr. Rogério Nunes, declarou-o incoerente com a moderna sociedade e em constante luta com a realidade atual. Apesar disso o tal código, que deveria estar na vitrine de um dos nossos museus históricos, continua por aí mandando brasa e sendo utilizado como instrumento de opressão de idéias e comportamentos. Pode? Nós achamos que não, mas eles estão demonstrando que sim. Em todo caso, já que a ordem é para sermos bonzinhos e bem comportados, vamos tentar descobrir o que é essa coisa mais abstrata que uma tela de Kandisky, chamada "moral e bons costumes".

Meus conhecimentos e sentimentos éticos e estéticos não me levam a nenhuma conclusão, a não ser olhando a coisa pelo lado contrário, isto é, analisando o que seja um comportamento amoral e o que possa ser definido como mau costume. Amorais são todos aqueles indivíduos que vivem em harmonia com a própria consciência e, por estar acima das contingências impostas pela hipocrisia, criam e impõem a sua forma de comportamento, modificando outros e criando, assim, os novos conceitos de moral.

Mau costume é... Mas aqui entre nós, vocês podem imaginar coisa mais hipócrita que isto de "bons costumes"?

Mas voltemos aos maus: na minha tenra idade e na minha cidade, dizia-se que era mau costume continuar dando chupeta às crianças depois de desmanadas, porque entortava os dentes e deformava o maxilar. Está aí, então, constatado um mau costume, por causar um mal físico muitas vezes irreparável. Outro mau costume é tirar **meleca** do nariz e comer. Além de mau, é feio e anti-estético, principalmente se praticado por adulto. Mais outro: comer minhocas, como fazia uma menina que brincava comigo; este é um péssimo costume, além de anti-ecológico, porque as minhocas mantêm a unidade e a fertilidade da terra, e constituem uma espécie em extinção a ser preservada.

Quando já era mais taludo, aprendi ser mau costume masturbar-se mais que uma vez por dia. Todos concordarão que estes e vários outros, que agora seria supérfluo enumerar, são maus porque prejudicam a saúde. Porém, só ao me tornar adulto foi que percebi que as pessoas têm medo das definições diretas e simples, por isso mascaram chupetas, melecas e minhocas. Aí a minha cuca embananou e, para conseguir subsistir, adotei um conceito moral único e muito antigo: "não fazer aos outros o que não quero que me façam".

Ora, fora deste, qualquer conceito de comportamento é pura guloseima. Não me venha alguém falar com arrogância e superioridade em atos atentatórios ou em ofensas à boa moral, neste mundo conturbado e velhaco em que estamos vivendo. Batizem com novos nomes os seus preconceitos, os seus pavores e a sua covardia, arranjem outras justificativas para as opressões. Podemos parecer ingênuos, mas não somos inconscientes, pô! Quem esteja em paz com a própria consciência nada tem a temer dos honestos e dos justos, a não ser o fato de que a maioria deles foi silenciada por aqueles que, pelo poder e pela força, arvoraram-se em "donos da verdade".

Atentados à moral? Claro que existem! Porém quem é mais atentatório e pernicioso perante a moral e a consciência de um povo: o travesti-prostituto que, para subsistir, mesmo levando muita porrada, explora na rua a fantasia sexual dos seus clientes? Ou o político comprovadamente corrupto que, apesar disso, recebe "de mão beijada", com cumprimentos, solenidades e palminhas, um Estado inteirinho para governar?

Já que é para moralizar (a idéia veio de vocês), vamos então tentar fazê-lo todos juntos, cabeças, corações e braços, criando a nova e verdadeira moral, aquela que respeite tanto os direitos da coletividade quanto os do indivíduo, não importando a sua cor, raça, religião ou preferência sexual. Se é para moralizar, partamos de uma premissa honesta: em vez de sair à caça de bruxas hipotéticas ou procurar com lupas de aumento pelos em ovos, anulemos a ação perniciosa dos fomentadores de preconceitos, dos intolerantes, dos interesseiros, dos corruptos. Se os "donos da verdade" se fazem de cegos e não topam a proposta, não tem importância; o povo enxergará por eles.

Darcy Penteado

REPORTAGEM

O que pensa a sociedade civil sobre o assunto

"A censura está, por tradição, na Constituição Brasileira. Uma censura às diversões públicas, em nome da moral e da ordem política. Isto faz parte da tradição brasileira, embora o império não tenha conhecido, na sua Constituição, a instituição da censura. A república, entretanto, estabelece a censura na Constituição, mas a censura às diversões públicas, e não às obras de arte, ou às manifestações de pensamento, como a imprensa. A liberdade de imprensa é a primeira das liberdades" (Clóvis Ramalhete, escolhido pelo General João Baptista de Figueiredo para ser o Consultor-Geral da República no próximo Governo)

Levando em conta as declarações do diretor da Divisão de Censura do DPF, Sr. Rogério Nunes, as quais deixam bem claro que os critérios da censura devem ser discutidos, LAMPIÃO da Esquina fez a pergunta abaixo a várias pessoas da chamada **sociedade civil:**

— O diretor da Divisão de Censura da Polícia Federal disse, em entrevista ao Globo, que a legislação a ser cumprida pela censura "impõe restrições de tal forma incoerentes com a moral vigente na moderna sociedade que o trabalho dos censores acaba se transformando numa constante batalha contra a realidade". Você acha que os critérios sobre "moral" e "bons costumes", estabelecidos no código de 1946, ainda são válidos para a época em que vivemos, ou é necessário discuti-los e modificá-los?

Abaixo, o que as pessoas têm a dizer sobre o assunto:

FRANCO MONTORO
(senador)

— Um dos aspectos mais importantes das transformações sociais do mundo moderno é a crise de valores. Aplicar cegamente critérios do passado a problemas do presente é fechar os olhos à realidade e perder o trem da história.

FERNANDA MONTENEGRO
(atriz)

— Se o próprio diretor da Divisão de Censura da Polícia Federal conclui que manter esse código de 1946 é uma "constante batalha contra a realidade", o que nos resta? Perguntar a quem interessa o crime. Às instituições? Moral e bons costumes, no fundo, variam e se modificam como saia e decote de mulher, de acordo com os interesses criados, são levantados ou abaixados, arregaçados ou arrebentados. Muitas vezes estraçalhados. Ou simplesmente arrancados. As instituições então aí pra garantir, não estão?

BRUNA LOMBARDI
(atriz e poeta)

— Qualquer noção de moral e bons costumes incluída num código já é altamente suspeita. Que autoridade tem alguém para enquadrar a natureza?

AZIZ AB'SABER
(professor da Universidade de São Paulo)

— Atentatório à moral e aos bons custumes é permitir que Manaus seja zona franca para venda de quinquilharias e proibir lá ou em qualquer outro local do território nacional a realização do 5º Simpósio Internacional da Associação de Bilogia Tropical, porque as conclusões científicas sobre as condições naturais da Amazônia poderiam modificar os planos do governo de exploração daquel território.

CICIL DE OLIVEIRA
(operário da construção civil)

— nosso dormitório está cheio de goteiras. Anteontem, choveu o dia inteiro, e a gente teve que dormir nas camas molhadas. **Ceará**, um colega nosso, pegou uma pneumonia. Isso eu acho imoral. Mas ninguém se importa.

ELICE MUNERATO
(jornalista)

— Não me surpreende que o código de "moral e bons costumes" vigente ainda seja o de 1946. Afinal, o Código Civil vem sendo remendado desde 1916 (e o novo anteprojeto está cheio de barbaridades). E a CLT, que é do tempo do Estado Novo? É bom lembrar ainda que nossas leis costumam ser modificadas apenas quando interessa a determinado grupo de poder. Ex: o trabalho noturno das mulheres, antes proibido, agora liberado, interessa a quem? E será que adianta reformular o código de 1946 pra censura saber censurar melhor? Ou não está na hora da gente começar a discutir que a única "censura" possivelmente válida seria aquela que **recomenda** determinados espetáculos, publicações etc., para esta ou aquela faixa de idade?

ROBERTO MOURA
(crítico de música)

— O ideal é não haver censura, nenhuma espécie de censura. Este, porém, soa como um estágio utópico dentro de um sistema imperfeito como o nosso. Fala-se agora na regionalização dos critérios, o que teoricamente me parece aceitável mas na prática pode causar uma avalanche burocrático-administrativa mais deplorável que o que já se vê por aí. No fundo, no fundo, as discussões desse tipo sempre me deixam constrangido, sem saber exatamente que tipo de declaração não poderá ser manipulada pelo "outro lado". Arrisco, ainda assim: o único tipo admissível de censura é aquele que regula a idade. Saiu daí é autoritarismo.

HÉLIO FERNANDES
(jornalista)

— Toda censura é uma evidente batalha contra a realidade. Os critérios estabelecidos na Constituição de 1946 ainda são vigorosamente válidos, o que ficou ultrapassado foi o poder dos governantes, foi a mentalidade dos poderosos e foi obviamente a atividade dos censores. É lógico que há uma brutal contradição entre a censura que se faz hoje e a realidade que se vive. Em todos os setores. Em todos os órgãos de comunicação, em todas as formas de expressão que são as que se censuram. E quanto mais atual a força e a forma de expressão, mais brutal a repressão e mais retrógado e ultrapassado o censor. Geralmente não aquele censor que está de lápis na mão, riscando às vezes até furiosamente, mas um outro censor invisível, encastelado num Palácio e que não sabe nada da vida. Não viveu antes, não tem mais condições de viver depois que chega ao Palácio. Essa a verdadeira, a autêntica, a indiscutível contradição entre os critérios de "moral" e "bons costumes" de 30 anos e a vida que se leva hoje.

— Por isso, é claro, lógico, óbvio, evidente, indiscutível, que esses critérios precisam ser revistos e modificados. E para serem revistos e modificados é preciso discuti-los, esmiuçá-los, debatê-los. Mas com coragem, sinceridade e humildade, sem vir antecipadamente condenar os "tempos de hoje", ou "a vida que se leva agora". Depois de Einstein, tudo é relativo. A educação também. A moral. Os bons costumes. Até a censura. Só que por convicção, por princípio, por formação e por vocação sou contra todo tipo de censura. Artística e moral. Ética ou política. Religiosa ou militar. Quem não tem competência não se estabelece, se dizia antigamente. E também é uma verdade bem antiga, que a censura não tem nenhuma competência. Pode vir armada ou desarmada. Mas será sempre uma inutilidade.

JOSÉ CARLOS DE CASTRO
(bancário)

— Eu estou mais preocupado é com meu salário no fim do mês.

JOSÉ CARLOS AVELLAR
(crítico de cinema)

— O problema não se prende a uma determinada lei de censura. É o próprio conceito de censura que não faz sentido. Não há como impedir a livre circulação de informações numa sociedade sem entrar em conflito com o natural interesse das pessoas. Discutir a maior ou menor adequação de determinados critérios de censura é cair numa armadilha: é admitir algum sentido numa atividade especialmente contrária ao bom senso. O que vale discutir é porque um instrumento tão retrógrado continua presente no corpo de um Estado que se pretende democrático (ainda que relativamente) e onde o direito comum oferece aos indivíduos os meios de organizar suas vidas e de defender os seus padrões de moral.

JOÃO CARLOS RODRIGUES
(crítico de cinema)

— Critérios de 1946 não podem mais ser válidos em 1979. Depois disso já surgiram Brigitte Bardot, Passolini, Maria Bethânia, Rogéria, Ney Matogrosso e as Emanuelles da vida. Devem portanto ser atualizados, se isto quer dizer liberalizados. Além do mais, o controle deve ser descentralizado. A moral da ilha de Marajó não é a mesma da Ilha do Governador e muito menos a mesma da Ilha do Guarujá. É isso aí.

ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA
(comerciário)

— Moral e bons costumes? Manda este pessoal freqüentar a sauna da ACM!

MACKSEN LUIZ

(crítico de teatro)

— Não há censura que esconda a realidade. No teatro, apesar dos longos anos de feroz investidas contra qualquer resquício de realidade nos palcos, a vida continua pulsando. Até mesmo quando artifícios de violência são usados contra as manifestações da vida, o teatro sobrevive. **Patética (ou Sangra Picadeiro)** foi confiscada, e mesmo depois de homologada continua proibida. Mas ainda assim, o espisódio Wladimir Herzog não conseguiu ser abafado. Um juiz consciente reabriu o caso. A realidade pulsa, o teatro a está resgistrando. Isto não é um desejo, é a História.

ARNALDO JABOR
(cineasta)

— As mudanças econômicas e políticas do país, a industrialização, provocaram mudancas de costumes e moral que não podem ter um código fixo. O que era bom para a felicidade humana há 23 anos não é mais. A própria instituição familiar está arcaica em relação ao capitalismo industrial moderno, sendo inclusive prejudicial à circulação de mercadorias: as instituições do casamento e da família prejudicam o consumo. Hoje, é o próprio capitalismo que não quer o progresso da família, nem admite a propriedade privada ou o Estado nos moldes tradicionais. O capitalismo é hoje supraestatal, multinacional e antifamiliar, com a propriedade privada despersonalizada em milhares de donos e sociedades anônimas.

ZUENIR VENTURA
(jornalista)

— Em 1946, quando foi assinado o código vigente, a bomba atômica ainda era uma novidade, o homem não tinha ido à Lua, o biquíni era um escândalo, a pílula anticoncepcional um pecado impensável e a palavra merda impublicável fora das paredes dos banheiros. A Guerra Fria tentava dividir o mundo entre o céu e o inferno e, nos filmes, os atores não iam para a cama acompanhados. De lá pra cá, a ciência se transformou, os costumes mudaram, o homem evoluiu, o homossexualismo invadiu as instituições — das esportivas às militares, das esclesiásticas às governamentais — e as concepções estéticas foram subvertidas: os volumosos seios de Jayne Mansfield deixaram de ser um padrão de beleza.

— A moral, como tudo, não é a mesma hoje e nem será amanhã. Como se pode, então, com base em um código de mais de 30 anos, julgar o que é moral ou imoral agora? Só mesmo nas cabeças doentes é possível julgar hoje — seja o que, principalmente moral e costumes — com critérios ultrapassados. Essa censura retrógrada não perde por esperar. Na batalha contra a realidade, ela não muda nada. A realidade sim, é que muda: cabeças, preconceitos e censores.

RUBEM MAURO MACHADO
(escritor)

— Uma das maneiras possíveis de se ver a Censura é pelo seu aspecto humorístico/absurdo. Não deixa de ser engraçado que você — como contribuinte — pague funcionários com a finalidade de estabelecerem o que você pode ler, ver, ouvir. Naturalmente o censor, depois do seu curso de capacitação, tem mais condições do que você, que não fez o referido curso, de saber por que: 1) Foto de um seio exposto é artística, de dois seios expostos é imoral; 2) **Playboy** em inglês ofende a moral e os bons costumes, em alemão não (será o idioma alemão menos imoral ou menos subversivo?). São dois exemplos. Escolham outros e divirtam-se.

SÔNIA COUTINHO
(escritora)

— Precisam, é claro, ser urgentemente discutido e modificados para não se cair no ridículo, como tem acontecido. Há um abismo entre os critérios da censura e a realidade brasileira, mesmo se levando em contas diferenças regionais do país, em termos de costumes. Isto, para não falar no choque que a gente leva quando sai daqui. Estou pensando particularmente numa visita que fiz aos Estados Unidos em 1976, a San Francisco da Califórnia, à Universidade de Berkeley, onde tive a oportunidade de entrar em contato com professores e alunos. Presenciar um livre debate de idéias como existe já deixa a gente espantada, quase assustada, se sentindo lamentavelmente caipira. Não adianta tentar transformar isto aqui numa ilha, porque em torno existe o mundo atual.

MARIA DO CÉU VIEIRA
(dona-de-casa)

— Tem gente que nasceu pra vítima. Os homossexuais são assim: culpam eles por tudo. Agora eu nunca soube que um homossexual matasse alguém, praticasse um crime grave; eles é que são mortos e roubados. Assim, se é pra discutir o assunto vamos discutir isso: por que a sociedade não considerava imoral, um atentado aos bons costumes, essa história de aproveitar os preconceitos existentes contra os homossexuais para melhor explorá-los? Uma noite eu ia saindo com meu marido do cinema Palácio, na Cinelândia, e vi um rapaz ser levado para um carro da polícia debaixo de pancada. Meu marido ficou revoltado e perguntou ao policial: "Ei, por que você está fazendo isso?" A resposta: "porque ele é bicha". Isso não é imoral?

GILBERTO MONTEIRO
(comerciante)

— O que vocês querem de verdade é saber se há alguma justiça nessa perseguição ao jornal de vocês, não é? Eu acho que não, e por uma razão bem simples: a perseguição põe a nu uma coisa que sempre existiu, só que em estado latente: a discriminação contra os homossexuais. Só essa discriminação já justifica a existência de um jornal como LAMPIÃO.

Copacabana, a enganadora

Uma entrevista com João Antônio

Durante o mês de janeiro que passou, e neste fevereiro, milhares de pessoas estarão desembarcando no Rio em busca do tesouro que, segundo as coloridas e anuais reportagens da revista **Manchete**, a cidade tem a oferecer: muito sol, muita beleza natural e muito calor humano (quanto a este último ítem, entenda-se: calor humano, a julgar pelas reportagens de **Manchete**, é uma coisa somente proporcionável por moças que usem tangas e que estejam, de preferência, de costas). A maioria destes turistas, evidentemente, vai parar em Copacabana. A eles, recomendamos: em vez dos guias turísticos habituais, leiam **Ô Copacabana**, o livro de João Antônio que a Editora Civilização Brasileira acaba de lançar; neste universo de falsas impressões que é o turismo, ele é o verdadeiro caminho através do qual se pode descobrir a verdadeira Copa, fascinante sim, mas também "injuriada, mal lambida, prejudicada, velha antes do tempo, achincalhada até pelos cachorros, marafona fanada".

João Antônio, ele mesmo morador do bairro e freqüentador dos seus buracos, traça uma geral do bairro que vai desde o Leme, das senhoras matriculadas em matinais cursos de ginástica na praia, até esse "pasto de energúmenos" que é a Galeria Alaska; um roteiro turístico que a Prefeitura jamais endossaria, e que é ilustrado pelas fotos excelentes de Carlos Jurandir e Ubirajara Detmar.

Aos leitores do LAMPIÃO — e nós sabemos que, vindos de todos os Estados, eles invadem o Rio nesta época —, João Antônio, nessa entrevista, dá uma **palinha** sobre a antiga **Princesinha do Mar**.

LAMPIÃO — **Como surgiu a idéia de você, tido e havido como versado em marginália paulista, enfrentar a selva copacabanense?**

João Antônio — Primeiro tem que vivo, moro, e me escondo em Copacabana pelo menos nos últimos onze anos. Depois, marginália por marginália, a essência é a mesma. Mas vamos dizer que eu não esperava, determinadamente, escrever um livro sobre Copacabana. Não esperava de forma nenhuma. A coisa começou com um material que tenho sobre a Bahia, um material grande, mais de 40 laudas, que seria publicado pela revista Repórter-3. Aí a revista acabou (aliás, não há nada para acabar com tanta rapidez neste país do que revista que se detém sobre realidades brasileiras. Sem dúvida, é um sinal dos tempos). Aí eu peguei o material e mostrei a Ênio Silveira. Então, ele me sugeriu a idéia de fazer um painel brasileiro, uma tentativa de localizar, em várias cidades, o lado de lá do milagre brasileiro, ou melhor, daquilo que é hoje chamado milagre brasileiro. Como é que o homem do povo está vendo isso, o que está havendo atrás deste milagre, se é que ele existe (pelo que estamos vendo, milagre não existe, e sim, um país que marcha para o ano 2000 correndo o sério risco de possuir toda a tecnologia do mundo e um povo feio, analfabeto, desdentado, doente, faminto).

Assim, acabei percebendo que teria que começar este painel por alguma região anterior à Bahia. Quando comecei a trabalhar, parti do Rio, de Copacabana, uma realidade mais próxima do alcance de minhas mãos. Afinal, é aqui que estou deixando a minha pele e pagando para ver. Quando vejo, o trabalho sobre Copa está se tornando muito pessoal, passional mesmo.

LAMPIÃO — **Mas em seu livro não há nenhuma declaração de amor ao bairro...**

João Antônio — Claro que não. Eu falava de um bairro sendo ocupado pelos múltiplos espigões, por esta coisa indecente em que transformaram a praia, que é o resultado de um aterro. Há uma Copacabana que vai decaindo, vai perdendo todas as características do lugar maravilhoso que já foi, vítima de toda sorte de especulação. Mas embora eu veja isso e outras pessoas que aqui estão enfiadas também vejam, o fato é que Copacabana é um mito. No entanto, eu enxergo nesse mito, que é uma atração nacional e internacional, uma velhice precoce. Eu vejo Copacabana velha antes do tempo, usada, maltratada, vilipendiada, aviltada, especulada violentamente. Uma falsa classe média mora em Copacabana, você abre os jornais de domingo e vê todo mundo sublocando, aluga-se e subaluga-se de tudo: desde perucas a telefones, só falta alugar a mulher e o cachorro. É uma mistura de Hong-Kong com Chicago, um amontoado de pingentes humanos.

LAMPIÃO — **Você acha, então, que está acontecendo uma tremenda safanagem com a antiga Princesinha do Mar...**

João Antônio — Está acontecendo e já aconteceu. A Princesinha do Mar dançou há mais de 14 anos. E quem vive nela está profundamente envolvido pela sua decadência que, afinal, reflete a própria decadência carioca, uma cidade inteiramente despreparada diante da superpopulação. Assim, o meu texto reflete esse envolvimento de quem está aqui, sofrendo as coisas por dentro. E as fotos que acompanham o livro mostram com crueza, pela imagem, o que eu retrato pela palavra: a ilusão perdida que é Copa, o sonho caído e a balela.

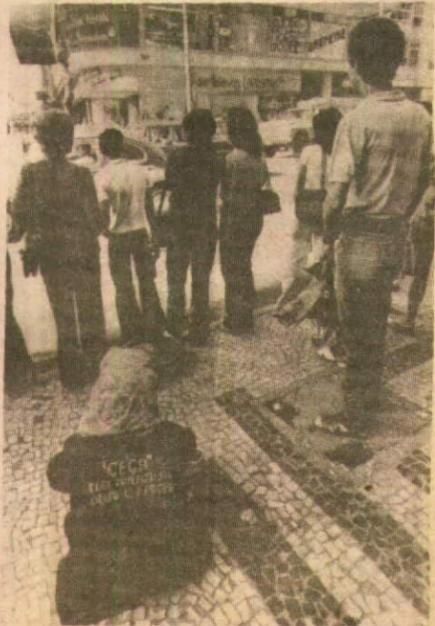
Um escritor fala do seu bairro. Com amor e ódio

A PRAIA

O guarda-vidas, atento, de pé, braços cruzados, lindo como o sol, percebe alguém em dificuldade lá depois da arrebentação. A esta altura, já há um movimento de interesse e certa tensão na praia. Guarda-vidas já está portanto, sendo observado. Então, sai a campo: ou melhor, à água. Não parte nadando imediatamente, mas correndo e nunca em linha reta, que é mais fácil e rápido ganhar as águas em diagonal. Ele não leva uma bóia, sem nada. Vai salvar alguém com as mãos e só mergulha já próximo do freguês. Podendo, quando em quando, ele volta a olhar para as areias e sente o sucesso do seu papel.

Todo mundo de pé, fora das barracas e das toalhas, acompanhando o salvamento. Então, claro, ele se empolga e acontece como ninguém. Nada de braçadas até chegar ao quase afogado. Que é retirado das águas até a praia com imensa lentidão e cuidados. O que o pessoal está espiando.

A PRAÇA

Ninguém proteste quanto aos ratos da Serzedelo. Todos os vêem, mas não são vistos pela limpeza pública que, literalmente, não se interessa por ratos. De mais a mais, se na Praça dos Paraíbas os roedores montam um espetáculo de dança noturna, lá no Méier é diferente. As ratazanas matam crianças. Ratos não significam nada diante das baratas do nosso bairro. De todos os tipos, tamanhos, além das cores variadas. Os ratos são minoria. Nem são exclusividade da Praça dos Paraíbas. Na praça do Lido, o movimento é bem maior e os adolescentes daqueles lados, em vez de se sentirem ameaçados pelos ratos, resolveram driblar o abandono que a higiene pública impõe à praça. Assim, nas noites, armados de suas inocentes espingardas de ar comprimido e muito espírito de humor, criaram um novo ludo. O tiro ao rato.

A GALERIA

Galeria Alaska não é feita só de homossexuais masculinos e femininos, mas de seres híbridos. Não só de gente marrom de sol e mar no verão, misturando-se a marginais e mistérios, ali bem defronte à 13.ª Delegacia, numa dessas ironias dos contrastes de Copa. Há trabalhadores na galeria e gente de vida brava, que chega de outros centros da cidade para defender o seu, ali. Barbeiros, manicures, balconistas, comerciários. O diabo é que a galeria está incrustada dentro de Copa e não é um templário da família. O que é família em Copa? Dizem os sambudos e quiquiriquis: um reduto de perdidos da noite. Nada. O bairro mistura um tudo e leva fama pelo que aparece mais. E só.

A NOITE

Noite em Copa nunca é uma criança. Não se tente, nem de leve, nem de longe, comprar um maço de cigarros depois das duas da manhã. Essas especiarias só são encontradiças na Galeria Alaska ou no território democrático da Avenida Prado Júnior, no que resta de botequins para os cantos do que já foi o Beco da Fome. Que não haja ilusão. Para um lado ou para outro do caminho, um assalto é quase certo. Assim, é melhor carregar dinheiro, ainda que pouco. Os assaltantes escorregados da noite ou das favelas, em tempo: Copacabana tem cinco, e todas malencaradas. Pois, saídos dos bueiros ou caídos do céu, cara de fome e zangados, os da pesada podem se enfurecer ao não encontrarem grana prontamente. Então, a esparrela, a multa, a esfrega, o chalau, a ripada, a correção, o chá podem ser dobrados e o cacete no lombo da vítima infeliz cantará. Enfrentar assaltantes a dinheiro é melhor do que a seco.

(Trechos selecionados de Ô Copacabana. As fotos de U. Detmar também foram retiradas do livro)

Mas Copa ainda tem seus cantores

Fotos de Dimitri Ribeiro

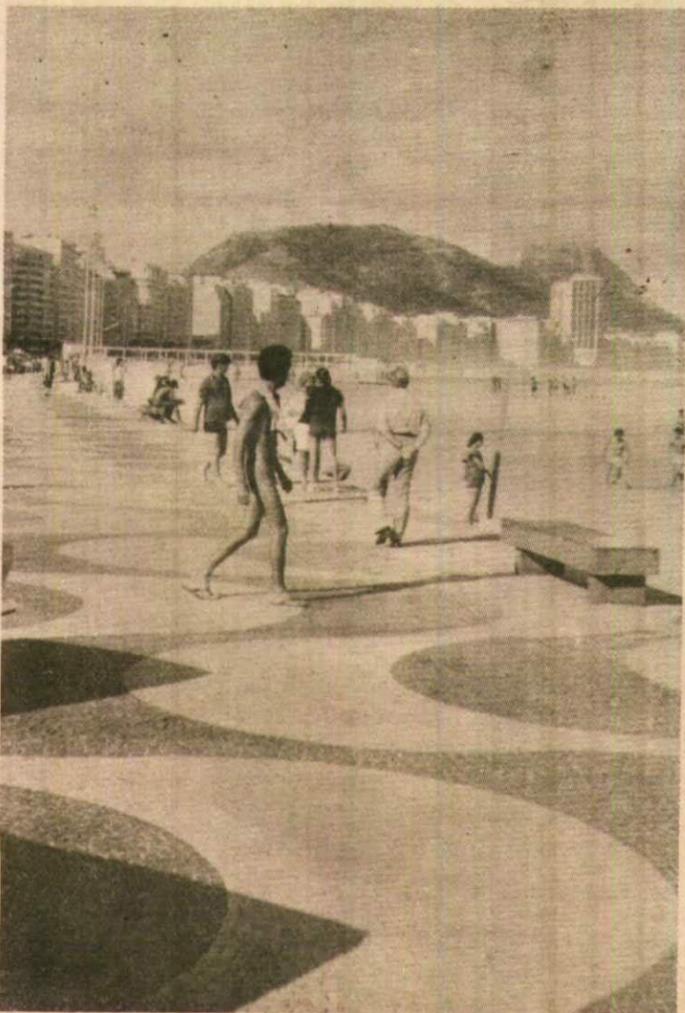
Copacabana está além do bem e do mal. Nem a chuva consegue estragar seu verão. Ao contrário, nunca a vi mais cheia, mais esplêndida, com sua população jovem e exibicionista, do que durante alguns dias de janeiro, quando uma chuva contínua transformou a Avenida Atlântica num cenário surreal e as areias molhadas da praia no livre campo de pouso e exercício para os mais corajosos. E o que dizer então dos audazes rapazes do surf com suas pranchas maravilhosas, que se aventuravam ondas afora, como se estivessem dançando, e que surgiam como deuses das águas e iam se sentar (sob a chuva) nos bares do calçadão, para fascínio dos turistas que espiavam de dentro dos ônibus?

Um verão maluco esse, sem sol e calor, que conseguiu extinguir toda a atividade de Ipanema e Leblon, mas não a de Copacabana, Em Copa, a vida nunca se extingue. É como uma chama votiva em homenagem à vitalidade, à cordialidade e ao prazer. Enqaunto os outros bairros cariocas dormem e ressonam, Copacabana se espreguiça e ronrona. Ipanema vive em função do Sol; se chove, perde o charme, à noite é uma vila interiorana com alguns pontos de animação, artificiais e grã-finos. Copacabana é do povo, nunca descansa. Com Sol ou Lua, com chuva ou tempo bom, ela está sempre viva, febricitante, se dando. Se a desfiguram, renasce mais vigorosa e bonita. É a meca brasileira do amor, da liberdade, da alegria. Nela se vive anonimamente, barulhentamente, acotovelantemente.

É que somos muitos, somos milhares existindo com urgência e exaltação numa faixa de terra espremida entre as montanhas e o mar. Somos milhões: donas-de-casa, aposentados, cachorros, gatos, travestis, comerciantes, pivetes, funcionários de hotéis de luxo, esmoleiros, ricos e pobres. Já disseram que se descêssemos todos de uma vez de nossas casas, as ruas não poderia receber tanta gente; que se as tubulações rebentassem, seríamos afogados num mar de fezes. Mas somos os sábios do caos. Empilhados nos nossos edifícios olhamos da janela a confusão do trânsito; vamos ao sanitário em ordem para não transbordar os esgotos.

A decadência em Copa élaea. As fases da vida se sucedem harmoniosamente, não há melancolia suspensa, na constante surpresa da beleza do ser humano que se renova a cada esquina. Quanto esforço se fez para transferir essa espécie de entrevisão da imortalidade para outros bairros. Inventaram a Garota de Ipanema (que, aliás, era de Copacabana), a geração pier, a banda de Ipanema, os inocentes do Leboln e a nova boêmia do Baixo Leblon. Frágeis quimeras. Quando os trâsfugas voltam dessas aventuras, Copacabana, a eterna, os recebe de braços abertos no banho quente da vida e embala-os ao som furioso dos motores dos carros e dos apitos dos guardas, a música do bairro. Ao fundo, o tique-taque contínuo da passagem do tempo. É verão, janeiro. Virão depois o outono, o inverno, a primavera e outra vez o verão. Pouca coisa terá mudado. Acima do cheiro de fumaça e cocô de cachorro ainda se poderá sentir o perfume da maresia.

Foi esse o clima que o fotógrafo Dimitri Ribeiro quis captar nas fotos a que esta nota serve de legenda. O verão, a chuva, a bagunça, a energia, a intimidade tatuada de um apartamento conjugado, a eternidade de Copa.

Francisco Bittencourt

Atenção, gueis do Brasil: o Rio não é mais aquele

Os moradores mais antigos do Rio de Janeiro ainda se lembram, certamente saudosos, da época do "é sol, é sal, é sul", há 15 anos atrás, quando o verão carioca, essa mágica estação com que sonhavam todos os brasileiros, era anualmente anunciado pelas reportagens coloridas que Manchete publicava já no mês de novembro, nas quais apareciam as garotas de Ipanema em generosos biquínis. Então, louvava-se o jeito carioca de viver, a descontração e a alegria da cidade, a malandragem dos seus moradores; e tudo cantado com tamanha ênfase que foi preciso criar, para isso, um ritmo ideal: a bossa nova. Eu não posso me queixar porque, ao chegar ao Rio em 1964, alcancei o fim dessa época; daquele tempo ainda guardo lembranças, algumas insólitas mas todas amenas e inesquecíveis, como um passeio de bonde da Tijuca à Praça da Bandeira, num mês de julho muito frio, com uma breve parada à porta de uma casa de chá, para que o motorneiro e os passageiros — aos quais o primeiro convidara — pudessem tomar "um chocolate quente".

A revista Manchete ainda públlica, no mês de novembro, a mesma reportagem sobre as garotas de Ipanema. E Perla Sigaud, a exótica colunista do Globo, ainda repete, a cada começo de dezembro, com tocante persitência, que "no verão carioca tudo é diferente, o tempo se reflete no interior das pessoas". Mas já não é isso o que anuncia o início da grande temporada no Rio. Pelo contrário, nos últimos três anos, quando a temperatura começa a subir, e as encostas passam a sofrer incêndios que os bombeiros invariavelmente declaram ser causados por "combustão espontânea", o mesmo tipo de acontecimento vem marcando o início da antigamente mágica estação carioca: é sempre uma violenta, inusitada ocorrência policial. Foi assim em 1975, quando os crimes da Barra — supostamente praticados por Maria de Lourdes Leite de Oliveira, a Lou, e seu noivo, Vanderlei Quintão — deixaram a cidade traumatizada; foi também assim em 1976, quando todo o movimento do verão girou em torno da morte violenta de Ângela Diniz, a pantera de Búzios; e a mesma coisa aconteceu em 1977, quando a morte de Cláudia Lessin e suas conseqüências preencheram todas as conversas da estação.

Em 1978, no entanto, alguma coisa se modificou. E todas as teses destinadas a provar a sútil mudança ocorrida na Cidade Maravilhosa — ela seria hoje uma das mais violentas do mundo, com uma qualidade de vida à beira do insuportável — subitamente ganharam força, pois a violência foi desencadeada antes mesmo que chegasse o verão. Na verdade, os frios e insistentes ventos de agosto ainda sopravam, e já o noticiário policial mostrava uma exacerbação que chegava a índices até então nunca alcançados: no conservador bairro da Tijuca, único reduto arenista da cidade, o médico legista Antônio Olavo matou seu vizinho, o decorador Márcio da Silva; o motivo do crime: uma vaga na garagem do prédio em que os dois moravam. Do outro lado da cidade, em Copacabana, o juiz Jacy Nunes de Miranda, 65 anos, descarregou o revólver no seu vizinho, o advogado Luís Mendes de Morais Neto, 67 anos, matando-o e ferindo sua filha, Cecília; o motivo do crime: um arranhão no carro de sua esposa que, segundo ele, teria sido feito propositalmente pelo filho do advogado. Mais ao sul da cidade, na bem nascida Ipanema, o comerciário Geraldo Cesário Costa matou a golpes de faca e chave de fenda seus dois filhos, de sete e quatro anos, e depois, com uma faca cravada no peito, gravou uma prolongada confissão. O motivo do crime: a mulher o ameaçava com um pedido de desquite. Na vizinha cidade de Petrópolis, uma tragédia em que todos os envolvidos eram cariocas: o médico David Geremberg invadiu a casa de sua ex-amante, Sônia Maria Siqueira, matando-a e à sua filha, Ana Cláudia, de dez anos, e ferindo o pai da mulher, Otacílio Siqueira. Uma outra filha de Sônia e sua empregada conseguiram escapar porque se trancaram num quarto. O motivo do crime: uma vaga suspeita de que a mulher o traía.

O que aconteceu com a antiga capital do Brasil? O que houve com aquela gente simpática, descontraída, que deu o mote para tantos sambas? Hoje, num sinal da Avenida Rio Branco, às cinco horas da tarde, e desde que haja sol, é possível encontrar o carioca típico diante do sinal vermelho, ele — literalmente — rosna de impaciência, geralmente não resiste e se lança por entre os carros numa correria louca, xingando os motoristas que não diminuem a velocidade para deixá-lo passar e, ao mesmo tempo, ouvindo xingamentos; sempre muito apressado, ele não tem, no entanto, aquela pressa de ganhar dinheiro do paulista que — pelo menos numa sociedade capitalista como a nossa — não chega a ser uma coisa doentia; o carioca, hoje, está sempre correndo para lugar nenhum, através de elevados, túneis ou auto-estradas que o conduzem sempre a inevitáveis engarrafamentos.

Mas, dirão os que não visitam a cidade há alguns anos, ele sempre tem o conforto da paisagem. Pois sim. Estes visitantes que experimentem ir pelas pistas de alta velocidade do Aterro rumo a Copacabana; onde estão aqueles morros que circundavam Botafogo, em cujas faldas tantos casarões se aninhavam? Já não se pode vê-los; edifícios de vinte e mais andares construídos à revelia do gabarito oficial, em plena praia primeiro, e depois nas ruas adjacentes, acabaram por escondê-los. Perto da entrada do Túnel Novo, uma profusão de edifícios espetados na encosta, um verdadeiro bairro ironicamente chamado de Morada do Sol, conseguem esconder até mesmo — dependendo do local de onde se olha — o inevitável Pão de Açúcar. E não é preciso falar sobre a definitivamente perdida Copacabana, nem sobre a ameaçada Ipanema, nem mesmo sobre os estertores do Leblon. Que se atravesse todos esses bairros da antigamente dourada orla marítima e se chegue à Barra da Tijuca, onde fileiras de edifícios vão sendo metodicamente construídos, uma após a outra, formando uma autêntica barreira entre o mar e o morro lá atrás. Ali, o que se vende aos incautos moradores é isso: a montanha e o mar. Por causa disso os apartamentos chegam à casa dos três bilhões de cruzeiros com uma facilidade incompreensível para quem leva a sério essas coisas de renda *per capita* e PNB; mas na verdade o que se vê, das

tão faladas varandas, são as varandas de uma infinidade de vizinhos.

Parece que a descontração do carioca, que sua malandragem era, na verdade, um tipo muito especial de ingenuidade, de deficiência mental. Se não, como explicar que ele se deixe enganar tão facilmente pelas imobiliárias da vida que lhe impingem, a preço de assalto, esse tipo de "varandas para o mar"? Como acreditar que aquele ser especialíssimo cantado por tantos sambas se deixasse levar de modo tão sistemático, a ponto de permitir que sua cidade fosse vorazmente devorada pelas piranhas do *boom* imobiliário? (Beiremos o absurdo: como acreditar que o mais oposicionista de todos os povos brasileiros acabasse por dar, a cada eleição, maioria ao mais situacionista de todos os partidos — o de Chagas Freitas?).

Hyram de Allem, quiromancista, adivinho, e certamente não carioca, disse numa de suas profecias que uma espécie de maldição pesava sobre o Rio. A Cassandra que a lançou e a sustenta pode ser vista por todos, basta ir até o Leblon: ela está diante de um edifício à beira-mar no qual existe — dizem — o apartamento mais caro do mundo (Cr$ 30 milhões; por coincidência, pertence ao Prefeito Marcos Tamoyo); trata-se de uma estátua de mulher, sentada sobre um pedestal, que faz, para os passantes, um clássico gesto: braço direito dobrado à altura do cotovelo (no qual repousa firmemente a mão esquerda), punho fechado e ligeiramente impulsionado para a frente, ela endereça aos que passam na rua o que vulgarmente se chama uma *banana*.

Sim, é uma maldição o que faz 44% dos automóveis da cidade estacionarem nas ruas ou sobre as calçadas; é também uma maldição que leva autoridades como o Ministro Bierrembach, do Superior Tribunal Militar, a denunciar "uma minoria depravada" existente dentro da polícia carioca: os torturadores que cegam e aleijam pessoas, algumas apenas sob suspeita (a mesma maldição leva o Secretário de Segurança, General Brum Negreiros, a repetir monocordicamente que os índices de criminalidade baixam a cada mês), essa maldição leva também uma horda de *ratos de praia* a descer diariamente dos morros — o verão é, para esses *ratos*, a temporada de caça — em busca dos dólares de descontraídos turistas que — ainda — repousam ao sol, e que, uma vez roubados, descobrem, com surda revolta, a capacidade que os cariocas possuem, nessas ocasiões, de se tranformarem em verdadeiras estátuas de pedra: as testemunhas de um assalto "nunca vêem nada".

É claro que o verão carioca ainda possui, sobre o espírito das pessoas bem nascidas, inegáveis virtudes terapêuticas. Para estes, a amena estação, mesmo que sob ameaças, ainda se renova a cada ano, e tem características especiais, que incluem mergulhos na piscina do Hotel Méridien, por exemplo. Mas para isso é preciso que eles não cheguem perto da amurada que separa a pérgola do hotel do resto da cidade; é preciso que eles não olhem para a monumental fila de banhistas que brigam pelo direito de entrar num ônibus, à altura do Leme, é necessário que eles continuem a construir, meticulosamente, sua cidade encastelada em sonhos, e que dispensa a existência de pelo menos 99% da população — 98,5%, se lembrarmos que essas pessoas não podem dispensar a presença dos criados. Para estes bem nascidos, os viadutos, as moradas do céu, as kafkianas e desoladas ruas de arranha-céus da Barra são sinais de progresso ou, pelo menos, do dinheiro que fatalmente cairá em seus bolsos.

Quanto ao povo carioca e seu tão decantado comportamento, terminemos com uma história, vista num dia qualquer de setembro, em plena Avenida Nossa Senhora de Copacabana: sobre a lama de um canteiro de obras, dois homens se atracam e, armados de paus e pedras, tentam matar um ao outro. Carros param, passageiros descem de ônibus, pedestres interrompem a caminhada e, em poucos minutos, debruçada sobre a cerca que rodeia o canteiro, a multidão está formada. A briga se arrasta, os dois contentores já cansados. Ninguém sabe o que a motivou, isso já não interessa. A multidão não está exatamente entusiasmada — ela apenas presencia, apática, o acontecimento. De repente, alguém grita, "joga água neles que eles se separam". É a deixa para o funcionário de um botequim próximo que, encarapitado sobre o balcão de cafèzinho, acompanhava tudo. Ele enche um panelão de água, sai do botequim, aproxima-se dos contendores e deseja tudo de uma vez sobre eles; os dois se separam soltando urros de dor; aos gritos, corre cada um para o seu lado: a água estava fervendo. A multidão, ao descobrir isso, aplaude entusiástica o rapaz do botequim; modesto, ele agradece, e retorna ao seu posto. Os brigões sumiram. A multidão se dispersou. Rio, 1979: esta sim, é uma típica cena carioca.

(*Esse texto foi originalmente escrito para a revista Singular e Plural*).

Aguinaldo Silva

Reconquista do futuro

Este é o último de uma série de três ensaios de José A. Lutzemberg publicados por LAMPIÃO. Eles foram selecionados do seu livro — Fim do Futuro? (Manifesto Ecológico Brasileiro), publicado pela Editora Movimento, em convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um texto básico para todos os que vêm na ecologia um novo modo de viver

O ecólogo é muitas vezes criticado por considerar-se que ele é contra um mundo tecnológico. Ecologia, entretanto, apenas abre os olhos para a diferença entre tecnologia predatória e, portanto, insustentável a longo prazo, isto é, tecnologia nefasta, e tecnologia antientrópica, que não significa custos transferidos às gerações futuras. A insustentabilidade da megatecnologia em suas formas atuais não mais necessita demonstração, mas há outros aspectos, menos conhecidos, que devem estar na consciência pública.

À medida que se desenvolve e se alastra a megatecnologia, aumenta a concentração econômica e burocrática. Além da burocracia hipertrofiada dos governos, temos hoje as burocracias, igualmente gigantescas, das multinacionais ou grandes empresas nacionais. Estas são entidades públicas à parte. Elas não devem lealdade a um povo, nem se restringem, em geral, a um determinado território, mas elas não são empresas privadas. Seus executivos pouco se distinguem dos burocratas governamentais, pois eles não possuem a coisa que gerem. Eles não têm garantida sua permanência nos postos de mando, e seus filhos nada herdam do seu poder de decisão. Os empregados destas grandes empresas são funcionários como são os funcionários públicos. Os enfoques e os fins imediatos de cada uma das grandes empresas ou dos organismos governamentais podem ser distintos e pode haver grande variação na eficiência das operações mas, fundamentalmente, toda burocracia tem como algo primordial, ao qual tudo o demais subordina, sua própria perpetuação e ampliação, o que consegue com tanto mais facilidade quanto maior ela for.

Estabelece-se, assim, um círculo vicioso entre sofisticação e concentração tecnológica por um lado e poder econômico de outro. A tecnologia mais complexa e mais integrada, mais exigente de capital, exige maior concentração burocrática; esta, por sua vez, exige e somente promove tecnologias sofisticadas e concentradoras de poder econômico.

É claro que, do ponto-de-vista do excutivo ou do administrador público, a central nuclear é preferível a um esquema descentralizado de captação de energia solar. A central nuclear é um objeto de centenas de milhões ou de mais de um bilhão de dólares, ela se concentra num lugar, suas linhas de alta tensão, qual tentáculos de um polvo, se estendem a grandes distâncias e sobre imensas áreas. Sua mercadoria, a eletricidade, facilmente se administra e distribui em esquema de monopólio, com eliminação total do jogo de mercado. Pouco importa que este monopólio seja estatal, multinacional, ou pertença a um grupo econômico local. O usuário está fisgado na ponta da linha, tem que aceitar todas as condições impostas, em nada participa destas decisões.

Por outro lado, uma proliferação de cataventos ou de dispositivos de captação de energia solar, de pequenos gasômetros de metano que usassem a matéria orgânica localmente excedente ao mesmo tempo que produzissem fertilizante, descentralizaria decisões, técnicas e capital. Isto contraria as ambições do executivo e do administrador. Não admira, portanto, que durante os últimos vinte anos tenha sido insignificante a pesquisa no campo da energia solar e de outras formas alternativas de energia. Certamente este fato não se deve somente à abundância e ao baixo preço do petróleo. O próprio petróleo centraliza o poder econômico e cria dependências.

É por isso que o detergente desloca o sabão, não porque ele venha de encontro a uma necessidade real do mercado, mas porque ele fortalece e promove poder econômico. O sabão facilmente se fabrica em pequenos empreendimentos e com capitais modestos, mas a fabricação do detergente começa no polo petroquímico e exige tecnologia sofisticada e concentrada que não está ao alcance do pequeno. A correspondente magnitude do capital em questão permite a enxurrada publicitária, acompanhada de manipulações de preços, que aplastam a pequena fábrica de sabão. O supermercado já quase acabou com o armazém e se prepara para liqüidar o pequeno comércio. O agricultor se transforma cada vez mais em apêndice da indústria de maquinárias e agroquímica. A continuarem estas tendências, todo agricultor acabará como aqueles aviaristas que são praticamente empregados da grande empresa que lhes fornece o capital para as instalações, os pintos e ração, os remédios, e que recebe os frangos ou os ovos, ditando o preço e as condições de compra. O criador só fica com os riscos do mercado e das enfermidades. Sua situação é algo pior que a de um empregado, pois, tem que pagar sua própria previdência social, quando tem.

Para as grandes empresas não mais se trata de atender exigências reais do mercado. Elas tem e usam a força de fazer e manipular seu mercado. Assim surgiram o **marketing** e a obsolescência planejada. O que realmente interessa é a ampliação e a concentração do poder econômico. Se nas sociedades escravagistas era necessário o chicote para que o escravo se submetesse, hoje a megatecnologia facilmente nos domina e ainda nos inculca a crença na inevitabilidade do processo. Progressivamente nos proletarizamos todos. As profissões liberais e os pequenos empresários, comerciantes, agricultores ou criadores desaparecerão pouco a pouco ou se tranforma em braço obediente dos grandes. Cada vez se torna menor a proporção de médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, etc., que ainda conseguem viver como profissionais liberais. A regra é que sejam todos empregados. A medida que nos tornamos especialistas cada vez mais estreitos, nos tornamos também cada vez mais vulneráveis às imposições dos que mais alto se encontram na hierarquia, porque nada mais sabemos fazer além daquilo para que fomos treinados.

É freqüente ouvir-se argumentos de economistas, especialmente quando estes se encontram em altos postos de governo, que o pequeno agricultor alto-suficiente não mais se justifica porque não usa insumos, não movimenta infraestrutura tecnológica, não faz PNB, que ele deve ceder lugar à empresa agrícola que movimenta maquinária, adubos, pesticidas, crédito.

Igualmente o artesão familiar deveria ser substituído pela fábrica. Em linguagem mais clara e honesta isto quer dizer que deve diminuir, tender a zero, o número de indivíduos independentes, donos de si mesmo, de gente que decide seu próprio destino!

Na pirâmide hierárquica do poder político e econômico, que no fundo são um só, o indivíduo se torna simples rodinha numa gigantesca engrenagem. Mesmo quando chega a executivo ou administrador público, continua extremamente dependente e vulnerável, praticamente não tem opções.

Devemos fazer tudo o que for possível para inverter esta tendência. O caminho que a atual forma de sociedade industrial nos está impondo não é uma inevitabilidade técnica ou científica. Isto é o que se nos procura fazer crer, para que docilmente nos submetamos. A grande maioria, por ignorância dos fatos ou por inércia intelectual, acaba submetendo-se. Devemos todos analisar friamente o esquema em que nos encontramos para capacitar-nos a não mais aceitar suas imposições teóricas e esquivar-nos na prática. Só assim começarão a funcionar os freios que poderão levar à inversão. O futuro não está na megatecnologia, está na tecnologia intermediária, não está no consumo desenfreado, está no uso frugal, com sentido, dos escassos recursos do Planeta, está na descentralização das decisões e da produção, na auto-suficiência, sempre que possível, na diversidade de estilos de vida e de culturas.

Muitos, entre os que já compreenderam a necessidade da mudança de rumo, acham ainda que nada pode fazer o indivíduo. Mas o indivíduo muito pode fazer e verificará, surpreso e encantado, como se liberta pessoalmente. O consumo de coisas e serviços desnecessários escraviza como a droga. Só quem de fato abandonou o cigarro sabe como é bom não depender do fumo. A verdadeira riqueza não é proporcional à massa de coisas que aceleramos em seu caminho do supermercado ao depósito de lixo. A riqueza também aumenta na proporção em que diminuem as necessidades. Sobra-nos mais tempo e mais dinheiro para atividades realmente humanas, para a contemplação, o contato com a Natureza, a música, a literatura e as artes plásticas, para a ampliação de nosso horizonte científico, para os esportes, os contatos sociais e o relacionamento humano, para amizades profundas, para a família, para a vida, enfim.

Quando uma proporção significativa da população mudar de estilo de vida, o poder econômico terá que mudar também de atitudes e métodos. Quando começarmos a compreender o logro da efemerização dos objetos, quando passarmos a não mais comprar alimentos adulterados pela manipulação excessiva e toxificados pelos aditivos químicos ou contaminados pelos resíduos dos venenos agrícolas, quando preferirmos o sabão ao detergente, a roupa simples e duradoura, adequada ao clima e às condições de vida, às criações da "última moda", quando preferirmos os esportes sãos e simples aos esportes com aparelhagens complexas e gastos elevados, a atividade pessoal à assitência maciça e massificadora no estádio gigante, quando nós mesmos soubermos ocupar-nos inteligentemente e com criatividade, em vez de consumirmos diversão, passivamente sentados diante do televisor, a indústria, como por milagre, passará a oferecer nova gama de produtos e serviços. Basta ver a incrível variedade e inventividade dos comércios e artesanatos da contracultura nos Estados Unidos. Sofrerão, é claro, as fábricas de automóveis, os pólos petroquímicas, as centrais atômicas, os supermercados, mas surgirão infinidade de oportunidades, para pequenos e médios empreendimentos, para indivíduos criativos e autônomos. Na mesma proporção em que abandonarmos a megatecnologia pelas tecnologias brandas, diminuirá nosso impacto ambiental, aumentará nossa qualidade de vida e aumentarão as chances para nossos filhos.

Mas é certo que não devemos ir ao extremo de condenar toda tecnologia complexa e centralizada, como é o caso entre certos jovens e ideólogos da contracultura. Devemos aprender a distinguir o que hoje se tornou quase indistingüível. Ciência e Tecnologia são coisas distintas. Condenar tecnologias absurdas, ecologicamente perniciosas, escravizantes ou alienantes, não deve implicar à condenação de toda tecnologia e da própria Ciência. Ciência é disciplina, honestidão total, pensamento claro, aceitação de novos paradigmas em substituição a paradigmas superados, é autocorreção constante e sem perdão. A Ciência deve voltar a ser o que era para os antigos Gregos — percepção de harmonias, gozo estético, deleite espiritual, exercício intelectual. Nesta visão saberemos distinguir entre diferentes tipos de tecnologia sofisticada ou gigante e veremos que nem todas são condenáveis. Um esquema ferroviário, por exemplo, pode ser gigantesco e, no entanto, ele é preferível ao transporte rodoviário individualizado, tanto pelo menor impacto ambiental como pela vantagem social. Outras tecnologias extremamente complexas e avançadas têm impacto ambiental mínimo e podem contribuir significativamente para o enobrecimento do espírito humano. A eletrônica moderna, com seus circuitos de alta integração, cuja fabricação já constitui processo que merece o qualificativo de quase biológico, pois seus dispositivos lógicos já são montados, crescem, permite-nos uma extensão cerebral antes inimaginável. Entretanto, dentro do esquema mental atualmente predominante, ésta maravilha contribui, principalmente para a transmissão de informações fúteis e irrelevantes, quando não diretamente perniciosas. No campo da manipulação de dados, poderá, se não nos cuidarmos, significar tremendos perigos para a nossa liberdade pessoal.

José Lutzemberger

Bixórdia

Gringas "pop" no Carnaval

CARNAVAL CARIOCA — Batam na madeira. Toc, toc, toc. Elton John, o *rock star*, está ameaçando aparecer de novo por aqui. Dizem que já preparou a malinha. Acontece que ele é um tremendo baixo astral. No último carnê, quando aconteceu vestido de marinheiro nos bailes da moda, rodeado de latagões com a mesma ridícula fantasia, criou muitos problemas para as bonecas nacionais, que de repente viam seus *affaires* sendo praticamente raptados para a corte do bicho (!).

* Já é bem diferente o caso de Rod Stewart, outro astro *pop*, também anunciado para as folias que se aproximam. Rod quase não faz charme de grande diva, suas companhias não precisam fingir que são guarda-costas e ele adora terminar a noite no rebuliço da Galeria Alaska. A turma da boate Sótão diz que ele é tão magnético quanto o satânico Mick Jagger. Isso, eu não sei não. Uma coisa, porém, é certa: não é feio e desagradável como o Elton John.

* E da velha guarda internacional o Rio hospeda, mais uma vez, o barão alemão Turn und Tax, fã absoluto das loucuras de Momo. Há quase 20 anos, todos os janeiros, ele aqui aporta para se bronzear em Copacabana e dar sopa nos bailes da moçada. Me lembro muito bem dele, junto com o herdeiro da família Krupp (aquele mesmo do filme "Deuses Malditos"), paquerando o então estonteante e desconhecido salva-vidas Mariel Mariscot, nas areias escaldantes defronte do Copacabana Palace. Turn und Tax, já naquele tempo, era uma figura esguia e de idade indefinível, exatamente como hoje. Dizem que, terminado o carnaval, ele volta para a Europa, onde é conservado em câmara frigorífica.

Essa o Glauco Mattoso jura que aconteceu em São Paulo: a bicha dirigia o (seu) carro pela Avenida (Paulista), prestando muita atenção ao Trianon, ao MASP, aos carros que seguiam ao seu lado e ao movimento nas calçadas. A certa altura, viu o **farol** *avermelhado e ultrapassou só por fechação. O guarda também viu, e apitou. A bicha freia (gesto de bicha freando, no estilo daquele anúncio que diz: "Tão bonita... Pena que esteja cheirando igual a um homem...). O guarda enconsta no carro, põe ò cotovelo na janela, olha bem e pede, com desdém meloso: "Cadê a carta?" E a bicha responde, sem se dar por achada: "E eu prometi que ia te escrever?"*

VIVA A GREVE — Assim que ouvi no meu radinho que ia haver uma greve de motoristas de ônibus no Rio, previ que o fato se transformaria numa festa para algumas bichas. Não deu outra. (Conheço meu eleitorado, como diz Mestra Mambaba.) Desde manhã bem cedinho as bonecas motorizadas puseram-se a trabalhar no transporte solidário da população masculina (e jovem) da cidade. Se houvesse racionamento de gasolina, teriam gasto a cota de um mês, de tanto que correram de baixo para cima, afanadas, oferecendo carona a todo aquele que lhes satisfizesse visualmente.

Por sua vez, as chamadas bichas pobres diveriran-se a valer nos raros e apinhados ônibus da CTC que trafegavam pela cidade. Nunca ninguém viajou tanto com tão pouco transporte à disposição. Trêmulas, rotas, esfalfadas, voltaram para casa somente ao anoitecer, mas inteiramente satisfeitas. Um único dia de greve foi mais proveitoso para a libido das criaturas do que anos e anos de normalidade nos transportes urbanos.

FRUTA VERDE — A praça do Rio ganhou mais um decorador e perdeu um ator. O rapaz veio de Portugal, exportado pela revolução lá deles, e aqui chegou botando a maior banca de seus talentos. Ele se chama Fruta e se acha a coisa mais discreta do mundo. Até aí tudo bem. As coisas começaram a mudar quando Fruta, além de realizar seus projetos de decoração, achou que podia fazer umas pontinhas nas novelas de TV. De fruta genérica e sensaborona ele passou a ser visto como um abacaxi espinhento pelos habituais repressores. "Primeiro muda o nome, filhinho", exigiram. "Mas como? Um dos nomes mais tradicionais de Portugal!", implodiu Fruta, cheio de indignação. Excitado, o pessoal da moral e bons costumes partiu para a grossura: "E tem mais. Com esses penduricalhos e balangandãs no pescoço e nos braços, nem de vendedor de peixe você aparece nas nossas novelas. Já bastam as dores de cabeça que temos com as futas da casa." Fruta não cedeu e foi assim que, segundo as boas línguas, nos privaram de acompanhar o amadurecimento de uma das maiores sensibilidades que já pintaram por aqui.

Essa aconteceu nos anos 60 com um dos editores de LAMPIÃO que, naquela época, era um enrustidão. O referido moço desceu de um avião em Lisboa e, de mala à mão, dirigia-se à alfândega quando ouviu uma voz de sotaque profundamente lusitano gritar: "Olha a bicha! Olha a bicha!" Instante de pânico: "Cruzes, já me descobriram", pensou o rapaz; e só se acalmou quando percebeu que os outros passageiros, atendendo aos gritos de tal voz, corriam a formar uma fila, que, em terras lusas, atende pelo simpático nome de **bicha**.

Heloneida Studart, candidata eleita pelo MDB carioca à Assembléia estadual com o apoio de várias feministas (eu disse **várias**; *não* **todas**), *nem tomou posse e já começou a desmunhecar: numa entrevista ao jornal* **Movimento**, *a propósito da censura, declarou, sem mais nem menos, que "o único outro da mulher é o homem". Heloneida,* **darling**, *foi com este argumento que Anita Bryant iniciou, nos Estados Unidos, sua campanha anti-gay. Além do que, dizendo coisas desse tipo, quem lhe deu o direito de pensar que está falando em nome de todas as mulheres? É bom mudar a lente desses óculos, Helô...*

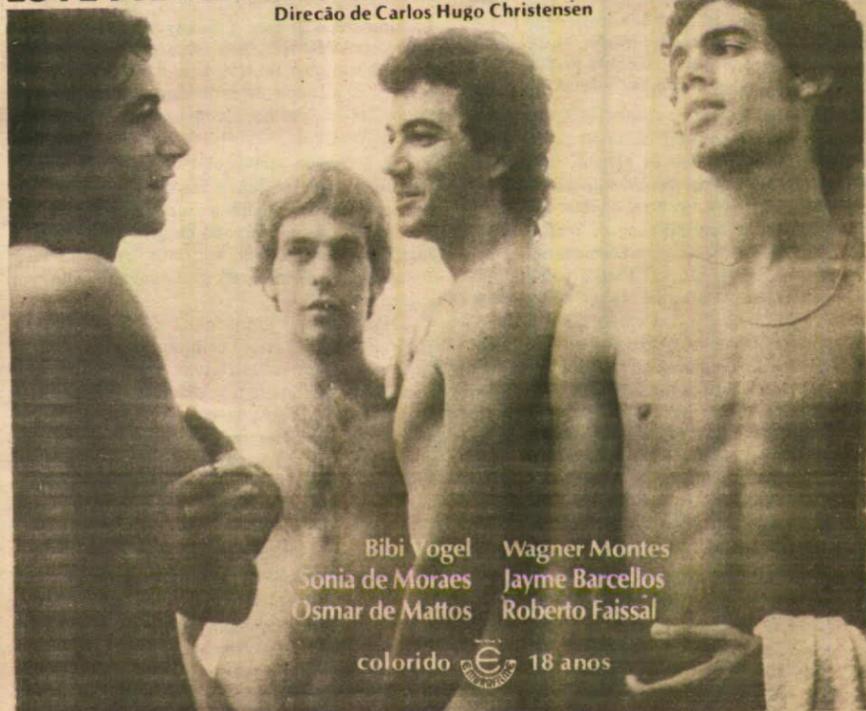
O rapaz, roupa e penteado à Maria Travolta, atravessou a porta do 266 West e saiu bailaricando pelo corredor ao som de **Instant Replay**. Gílson, o porteiro, que conhece muito bem seu eleitorado, lançou em direção a ele um olhar devastador e sibilou, entredentes: "Já vai, não é?" Ao que ele respondeu: "Vou, porque eu sou uma bailarina clássica, e você não passa de um porteiro." Sem pestanejar dardejou a resposta: "É por isso, meu bem, que em matéria de balé o máximo que o Brasil consegue é montar o Suíte Quebra-Coco. Com estrelas como você..."

TENDÊNCIAS

o livro

"Brazil" no Gay Sunshine

O último número do jornal norte-americano **Gay Sunshine**, editado em San Francisco, tem como assunto principal o Brasil, e conta com a participação ativíssima de vários lampiônicos: Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e Gaspariano Damata lá estão, com histórias suas traduzidas por Keneth Lane e selecionadas por Winston Leyland, o editor do jornal. Além destes, foram selecionados escritores como Edilberto Coutinho e Caio Fernando Abreu, além de poetas e desenhistas brasileiros. O jornal traz ainda um suplemento fotográfico, com fotos tiradas pelo próprio Leyland durante o carnaval; as fotos mostram bem claramente a chamada "descontração" do brasileiro, através de figurantes de blocos como o Cacique de Ramos e outros, sempre aos pares ou em grupos, a trocar carícias ou afagos, que, nesta época do ano, entre nós recebem sempre uma justificativa: "Afinal de contas, é carnaval..."

Este número especial do **Gay Sunshine**, no entanto, é apenas uma chamada para a antologia **Now the Volcano**, que a Gay Sunshine Press pretende lançar até março deste ano, e que reúne autores latino-americanos homossexuais, com predominância de brasileiros, devidamente selecionados por Leyland durante uma viagem que ele fez pelo continente em fins de 1977. Foi durante esta viagem de Leyland ao Brasil, segundo a lenda, que nasceu a idéia de se fazer, aqui, um jornal de minorias, o que nos levou a LAMPIÃO. **Now the Volcano** será financiada pelo Natyonal Endownment of Arts, um órgão do Congresso norte-americano que subvenciona projetos desse tipo. Logo após o lançamento do livro, Leyland deverá vir ao Brasil, onde tentará contatos com editores brasileiros, visando uma possível tradução. Ao mesmo tempo, ele tentará interessar nossos editores em outros livros por ele publicados, como o **Gay Sunshine Interviews**, que reúne entrevistas com, entre outros, os seguintes escritores: William Burroughs, Jean Genet, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, John Rechy, Gore Vidal e Tenessee Williams. A Esquina Editora, na verdade, está namorando esse livro há muito tempo. Se depender de nós, os brasileiros vão lê-lo.

E a MPB, sitiada, ainda resiste

A uma análise menos atenta, o ano que passou pareceria desastroso para aquilo que se convencionou chamar de música popular brasileira, ou que, mais apropriadamente, se definiria como a música criada, produzida e gravada no Brasil, independentemente de origens, influências ou preconceitos diversos. Os acontecimentos e dados infaustos não são poucos, nem de pequena importância. Primeiro, quase todas as gravadoras inundaram o mercado, à razão de 20/30 novos LPs por mês, do apelidado **som de discoteca** — a primária batida eletrônica destinada mais ao corpo do que, propriamente, aos ouvidos de qualquer pessoa com um mínimo de informação musical. Não que se tenha nada contra os exercícios de narcisismo coreográfico das noites de sábado. Pelo contrário, daqui mesmo do LAMPIÃO, já me denunciei como participante — e sacolejante travolteador — das alegres e extenuantes **pegações** rítmicas do Dancin'Days, do Morro da Urca, Rio. Pelo que, aliás, não tenho qualquer desculpa a apresentar a quem quer que seja, a não ser ao meu moído esqueleto nas manhãs de sábado e domingo. Gosto, **pego** e danço e fim. Mas a questão, olhada do ângulo da saúde da música feita no país é bem mais intrincada do que a mera exposição de um gosto pessoal pelos sacolejos e namoros discotecantes.

Seria bom que todos estivessem informados de que, se em 77, a produção musical brasileira detinha o já mirrado percentual de 40% dos discos lançados no Brasil, neste ano que passou, de 78, viu-se reduzida ao minguado espaço de 20% dos suplementos das gravadoras. Pior: destes 80% destinados pelas fábricas ao lançamento — ou, melhor dizendo, ao **despejo** — de música estrangeira no mercado nacional, uns 50% foram ocupados pelos **Taste of Honey, Tavares, Machos Mans** etc., conjuntos tipo praga que dá e passa, sempre rapidamente substituídos, nos **hit-parades** norte-americanos por novos grupos, tão primários quanto os anteriores, numa enxurrada destinada ao consumo, lucros e esquecimento imediatos. Certo: a discoteca é um avassalador modismo mundial; mas o fato é que o Brasil, terceiro ou quarto mercado consumidor de discos do mundo (não há certeza quanto à colocação, pois as gravadoras guardam as estatísticas de vendas a quatrocentas chaves, como alma secreta do seu negócio altissimamente lucrativo) não tem uma Lei, uma legislaçãozinha para ser driblada, sequer, que reserve uma partezinha do gigantesco mercado comprador interno para o produto aqui produzido. O lado menos negro deste quadro contém, porém, um dado alentador: esses exíguos 20% de lançamentos nacionais detêm, contra tudo e quase todos, aproximadamente 60% (isso mesmo: uns entusiasmantes 60%!) do total de vendas de discos em todo o território nacional. E é nessa faixa de preferência espontânea, da verdadeira e enraizada capacidade de resistência cultural do povo brasileiro que puderam, então, atuar os criadores nacionais.

A partir daí é que se pode entender a meia estagnação, o passadismo da música feita aqui em 1978: numa faixa tão pequena de produção como poderiam atuar eficientemente as poucas etiquetas e produtores preocupados em lançar novos artistas, testar linguagens, incentivar eventuais inovadores musicais? Poder-se, por exemplo, falar — como se falou, em alguns artigos de críticos dos mais responsáveis — em recesso passageiro de grandes criadores, como Chico Buarque e Milton Nascimento: nos LPs "Chico Buarque" e "Clube da Esquina 2" não há, em verdade, qualquer passo à frente desses dois expoentes da assim rotulada música da — para — classe média urbana, embora o alto nível de arranjos, de interpretações, de acabamento industrial dos dois discos lhes garantam (ambos já nas 200 mil

Caetano Veloso: um disco anódino

Ivan Lins: inspiração límpida

Leci Brandão: despreconceito musical

cópias vendidas, há pouco mais de um mês do lançamento) justa aceitação mesmo dos consumidores mais exigentes. Já Caetano Veloso, de obra tão importante — na mesma faixa de consumo estético — quanto a de Milton e Chico, teve, mais uma vez, um ano infeliz, em que falou demais e produziu de menos. Seu disco anual, "Muito", traz a marca decrescente das coisas anódinas (em português claro: que não fedem nem cheiram), enquanto o autor se desfaz em declarações escandalosas contra os seus inimigos reais e imaginários: críticos e artistas entraram no pau das entrevistas de Veloso, mais voltado para a autopromoção — de que ele é mestre — do que para alguma consistência de trabalho, idéias, sentimentos ou coordenadas criadoras. Uma pena, em se tratando de quem se trata. Em compensação, o quarto desses quatro grandes, o controvertido, porém, coerente Gilberto Gil, teve um dos seus melhores anos: seu álbum-duplo, gravado no Festival de Montreaux, traz algumas faixas antológicas, em que ficam explicitados os seus princípios musicais afro-baiano-internacionalizantes. É de se ouvir e recomendar. Em "São João, Xangô Menino", ele se compraz em fazer a gringalhada de Montreaux se virar, mexer e cantar, num autêntico vale-tudomusical, em que o seu extraordinário sentido de tempo divisão e ritmo rege uma parafernália instrumental que vai da guitarra roqueira de Pepeu à percussão afro do super-Djalma Correia, além do coro de um público audivelmente enlaçado por seu preciso balanço.

Mas nem só de Gil foi o ano: se houve um instrumentista, compositor, arranjador, maestro, multimúsico que dominou o período, este foi, sem dúvida, Egberto Gismonti. Logo nos primeiros meses, de 78, lançou o perfeitamente incrível "Dança das Cabeças": obra-prima, esta espécie de súmula da música brasileira foi gravada de improviso, sem arranjos escritos, em apenas dois dias, em estúdios noruegueses, tendo como intérpretes apenas Egberto e o vasto percusionista pernambucano, radicado na Europa, Naná Vasconcellos. Da bossa-nova ao xote, de Villa-Lobos à música dos índios do Alto-Xingu, há de tudo no disco — como, aliás, na obra recente do autor, seguramente o mais bem formado musicalmente, mais generoso em emoção cristalina, dentre os criadores musicais do Brasil atual. Como se não bastasse, em dezembro o mesmo Egberto voltou à praça com "Nó Caipira", outro resumo do Brasil-brasileiro, só que desta vez mais voltado para os eternos — por vezes ternos — temas populares das pequenas populações do interior do país. Quem quiser sacar, pra valer, a música brasileira de todas as épocas e regiões deve escutar, urgente, estes dois discos — mas com cuidados auditivos à altura do que é apresentado. Nada, na mistura popular-erudita-contemporânea de Egberto, se aproxima os preconceitos e situações, a música brasileira se resume, se resumiu ou se resumirá às **formas** do maxixe, do baião, do samba carioca, da modinha mineira, do choro, e assim por diante.

Por falar em choro, 78 serviu ao talento inovador de Joel Nascimento que, com o seu "Pássaro", mostrou que, além de grande bandolinista, sabe também mexer com a harmonia, com a divisão melódica do choro, sem lhe alterar a essência. Ainda quanto a discos de compositores, houve três estréias tardias, contudo, por isso mesmo, de perfeita concepção, produção e finalização do produto, que foram os primeiros LPs **solos** de João de Aquino ("Terreiro Grande", reluzente de negritude, embora não necessariamente preso a qualquer das estruturas musicais trazidas ou criadas pelo negro no Brasil); do compositor, tecladista, arranjador Wagner Tiso (um primor fonográfico, só um pouquinho prejudicado por alguns deslizes sinfonicosos); mais "Vital Farias" (surgimento de um impecável violonista e compositor nordestino, capaz de passear, com emoção e destreza, por todos os gêneros ditos nordestinos). Outros dois compositores de áreas diversas, Edu Lobo e Martinho da Vila, deram competentes voltas por cima: Edu, após um longo tempo de hermetismo e indecisões formais, partiu, em "Camaleão", para soluções, inclusive de arranjos, tão simples quanto originais; Martinho, depois de um período de sofisticação instrumental, mostrou o que realmente é: um pagodeiro, mentor de rodas de samba. A dupla Ivan Lins-Vitor Martins reafirmou a limpidez de sua inspiração no LP (interpretado por Ivan) "Nos dias de Hoje", veículo de versos como "Minha amiga, me visite / Pra eu ficar me enganando / Pensando que estou vivo" ou, mais adiante, na música "Aos Nossos Filhos", o pedido de que "Perdoem por tantos perigos / Perdoem a falta de abrigo / Perdoem a falta de amigos / Os eram assim".

No samba, três outros lançamentos acima da média: a luminosa estréia da vocalista (seu timbre é próximo ao da imensa Carmen Costa) e compositora dona Ivone Lara, sob o adequado título "Samba, Minha Verdade, Minha Raiz" e produção do competente Adelzon Alves; em outro LP, "Axé", o testamento musical do líder de raça Candeia, despedida (que tristeza essa morte prematura de batalhador tão valoroso da música negra) irretocável de quem viveu, pensou, cantou e compôs irrepreensivelmente; por fim, uma confirmação de talento ímpar, o de João Nogueira que, em "Vida Boêmia" canta atrasado, quase atravessa o fraseado do seu violão torto e, como resultado de tanta esquisitice, deixa a marca de um estilista sem paralelos entre os sambistas de sua geração. Ainda na área autoral (mas agora cantando inclusive sambas de Cartola) outra confirmação: "Eu Canto", de Fagner traz, de fato, um cantor maduro, sem os fáceis estremiliques vocais de discos anteriores; talvez por isto, o menos badalado dos seus discos. Sereno, em equilibrado encontro com o acompanhamento acústico, Raimundo permanece o mais notável intérprete-compositor do antigo **Pessoal do Ceará**.

Capítulo raro num tempo de compositores que cantam, as intérpretes tiveram vez neste ano que passou. Duas estréias brilhantes — Olívia e Zezé Motta — mostram que, quando as circunstâncias deixam e as gravadoras permitem, a tradição das grandes cantoras brasileiras produz continuadoras condignamente inventivas. Leci Brandão (esta, também compositora) fixou, em "Metades", as proporções de seu despreconceito musical. Trata-se, hoje, de uma cantora capaz de ir do sambão ao bolero, passar pelo choro, encontrar caminhos próprios nas canções de sua autoria. Excelente cantora, mulher notável dentre tantas que se erguem contra os dogmas de sexo e cor, ela consegue misturar estas qualidades no ato de gerar música e poesia.

Para encerrar esses balancetezinho, dois cintilantes apelos à discoteca — só que desta vez nacionais: as combatidas Frenéticas voltam à mesma olímpica disposição para a alegria, para a irreverência, para o gozo já demonstrada no primeiro disco do grupo. A crítica malhou, sob a alegação de que o atual LP nada acrescenta ao primeiro. Confere — e já não é pouco. Aguardemos, então, o terceiro disco das meninas pra conclusões menos apressadas que as do tipo "é modismo", "vai acabar logo" etc.

Outro que botou pra quebrar — ou dançar — em seu melhor LP até o momento foi Ney Matogrosso, detentor de uma primorosa reconstituição, em ritmo e roupagem de discoteca, do "Não Existe Pecado ao Sul do Equador", de Chico Buarque e Ruy Guerra. Essa mistura aparentemente incongruente (Ney + Discoteca + Chico + Ruy) torna-se a prova de que o brasileiro é danado da silva quando se trata de recriar, devorar para resistir — mesmo quando se trata da invasão branca, da guerra surda do mau produto estrangeiro versus a cultura, a liberdade de criar de um povo desapoiado por quase tudo e todos, inclusive por uma economia periclitante. Resta aguardar o desenrolar de 79 para saber se, nas dobras da Abertura, há lugar para os que teimam em criar uma arte brasileira — não por acaso localizada no Brasil.

Antônio Chrysóstomo

CARTAS NA MESA

De minoria em minoria...

Queridos amigos: é com prazer que escrevo esta carta, espero que vocês não reparem. A partir do nº 7 passei a comprar e ler o nosso LAMPIÃO. Pensei que seria uma barra pesada para comprar, ler e guardar o nosso jornal. Eu não encontrei esses problemas, não faço como muitos, que compram o jornal, lêem, rasgam e jogam fora, ou então lêem o jornal em casa de amigos. Quando compro o jornal, não vejo a hora de ler tudo, é no ônibus, na escola (nos intervalos), fila de elevador, enfim, em todos os lugares, mas é em casa que leio sossegado e reflito em tudo.

Era o que nós homossexuais precisávamos para nos unirmos, não para mostrar um novo tipo de rebolado, mas para mostrar que somos gente, que muitos de nós trabalhamos, estudamos, enfim, levamos uma vida igual a de todo mundo. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é, sério, bacana, o nosso amigo para todas as horas. No que depender de mim, vocês podem contar. Vocês são os irmãos gueis que sempre quis ter mas não tenho. Um abraço pra todos, e até o próximo número.

Ciro C. de Souza — São Paulo.

Friends of my heart! LAMPIÃO pintou aqui na esquina da minha vida e me deixou tão vidrado que eu não pude deixar de escrever algumas linhas pra dizer a vocês que é realmente grande e maravilhoso o trabalho que vêm realizando (tenho certeza que vocês estão cansados de saber disso, mas eu precisava dizer). Existe algo mais nobre, mais humano e mais cristão (e mais raro) que a luta, de peito aberto, em favor das classes oprimidas? Homossexuais, índios, negros, prostitutas e amantes da mãe natureza! Exultemos todos nós os minoritários, pois temos agora força pra gritar alto, através do trabalho heróico de um pessoal de fibra, através da nossa voz maior: "LAMPIÃO da Esquina". P.S.: Billions of thanks por José Lutzemberger.

Dennys M. — Santo André, SP

R. — **Dennys, meu anjo, nunca é demais ouvir coisas como essas que você diz, principalmente em horas ruças pra nós como as atuais. De minoria em minoria a gente chega à massa, não é verdade? Quanto a Lutzemberger, ele é o primeiro de uma série; queremos abrir nossas páginas a todos os maravilhosos porta-vozes da ecologia. Quando a você, Ciro, a gente lhe manda um beijo.**

Dar a palavra à gente comum

Em primeiro lugar, quero manifestar minha indignação contra a perseguição que vocês vêm sofrendo; neste momento em que tanto se fala em abertura democrática, é lamentável que a censura continue com os olhos voltados para a imprensa, esquecendo-se de que a imprensa não cria uma situação, um problema social; apenas os retrata. Espero que vocês consigam superar essa crise. É sempre difícil lutar contra a hipocrisia dos que, através da repressão, tentam encobrir a realidade.

Bem, agora vou fazer alguns pedidos, OK?

1 — Gostaria que vocês abordassem, da mesma forma que fizeram com os homens, o homossexualismo feminino. Dessa maneira fica parecendo que as mulheres estão à margem desse processo de conscientização. Vocês poderiam fazer uma reportagem sobre isso. Sou universitária e várias colegas de faculdade pensam a mesma coisa. Eu adoro o "jornal da meninada", mas sinto falta dessa abordagem, tá? Poderiam dar dicas, lugares, etc...

2 — Uma entrevista com Ney Matogrosso.

3 — Mais histórias interessantes.

4 — E a reportagem sobre futebol?

5 — Por que vocês não fazem reportagens com homossexuais, de uma forma muito humana, para que eles falem de seus amores, tristezas, desenganos, alegrias? Não é preciso se fazer sempre entrevistas com artistas, seria até bom, para que se entendesse que gueis existem em todas as profissões e atividades humanas. Tenho certeza que esse tipo de reportagem daria uma dimensão muito humana ao jornal.

Ufa! Chega de tantos pedidos. Um abraço.

Carmem Lúcia — Rio.

R: — **Não tem sido fácil transar com as mulheres, Carminha. Elas enfrentam uma barra muito mais pesada, e por isso hesitam em sair à luz. Além disso, a gente quer uma aproximação não só com as homossexuais, mas também com as feministas. Aos poucos a gente chega lá. Ney Matogrosso é uma entrevista que todos nós queremos fazer. O rapaz dos lábios de carmim anda meio arredio das transas lampiônicas, mas nós continuamos a assediá-lo. Histórias interessantes estão sendo providenciadas. Futebol? Cruzes! Estamos preparando uma série de entrevistas com "pessoas comuns", aguarde: será uma série dentro do LAMPIÃO. E escreva sempre, que a gente adora.**

Pernambuco, imortal

...Bem, falemos primeiro do candidato, o Baiardo (de Andrade Lima, candidato a deputado federal em Pernambuco; defendia os homossexuais em sua plataforma; obteve cinco mil votos e não foi eleito). Eu o conheci em 1974, concorrendo pelo MDB em defesa do divórcio, mas, não sei se por queimações injustas ou não, não obtive referências boas dele. Novamente em 1978 se candidatou, agora com uma nova plataforma. Fiquei um pouco cabreiro: não seria outra exploração? Só que o resultado só não foi bom para ele, entende? Criou-se um clima para debate, onde nós pudemos aferir, por exemplo, a abertura de alguns amigos e a homofobia de outros, além das paredes pichadas, etc., etc... Quero, também, salientar outro fato: numa reportagem à página 4 do nº 7 de LAMPIÃO Aguinaldo (Silva) diz numa matéria, entre outras coisas: "... a bancada do partido (MDB) eleita para a Câmara Federal naquele Estado (Pernambuco, no caso) não foi das mais expressivas".

Zé Albuquerque — Recife.

R. — **Ora, Zé, houve um erro de interpretação, ou então eu não me expliquei bem. O que eu quis dizer é que a bancada do MDB eleita para a Câmara Federal em Recife não tinha sido numerosa. Então você acha que ia chamar de inexpressiva, do ponto de vista da qualidade, uma bancada que tem, entre seus eleitos, minha querida amiga Cristina Tavares Correia, jornalista como eu, companheira — ainda que à distância — de tantas batalhas? Aliás, sobre Cristina, vale a pena acrescentar a informação que você nos manda: "única mulher eleita no Norte-Nordeste para a Câmara Federal" — ora, viva! Ela merece, e Pernambuco também. Por sinal que eu dei uma olhada na relação de nomes que você mandou, e cheguei a esta conclusão: o time do MDB pernambucano na Câmara é pequeno mas da melhor qualidade: Fernando Lyra, Fernando Coelho, Roberto Freire, Marcus Cunha, José Carlos Vasconcelos e a própria Cristina: arretado! a) Aguinaldo Silva.**

Peteca pra lá, peteca pra cá

Queridos: hoje deparei com uma notícia, no O Globo, sobre o inquérito a que o nosso LAMPIÃO da Esquina está sendo submetido. Quero através deste bilhete prestar toda a minha solidariedade e pedir para que vocês não deixem a peteca cair. Sou um simples leitor deste jornal maravilhoso.

Francisco C. L. — Rio de Janeiro.

R. — **Olha Francisco, se a peteca, por motivos alheios à nossa vontade, cair de nossas mãos, sinceramente, não cremos que ela fique no chão por muito tempo. Tá todo o mundo jogando!**

Mães contra o preconceito

Tenho lido LAMPIÃO desde o nº 4. Ele me interessa particularmente, pois tenho um filho homossexual, o qual, aliás, é quem traz o jornal para casa todos os meses. Muita gente fica chocada comigo, porque eu, como mãe, encaro com naturalidade essa particularidade do meu filho: ele é homossexual. Eu soube disso há cinco anos, quando ele completou 18 e houve um pequeno escândalo na rua onde moramos, pois rapazes de sua idade descobriram que ele freqüentava lugares **gays**, e passaram a hostilizá-lo. Não vou dizer que não tenha sido um choque para mim — foi, sim, porque eu fui criada no seio de uma tradicional família pernambucana, que acha coisas como essa condenáveis. O problema é que, neste caso, era meu filho, e aí as coisas mudaram de figura.

Bom, o que eu queria dizer a vocês é que o número de mães que passam por experiências igual à minha, e que procuram aceitar seus filhos como eles são, é bem maior do que se pensa. Mesmo que, perante a sociedade, estas mulheres assumam uma atitude hipócrita, o fato é que, no fundo, elas torcem para que seus filhos homossexuais sejam felizes à sua maneira. Afinal, quando o homossexualismo invade nossas casas — mesmos sem ser convidado —, a gente descobre que ele não é o monstro que se pinta. Eu adorava meu filho, e não deixei de amá-lo quando lhe perguntei se era verdade o que os rapazes da rua gritavam à nossa porta, e ele, no auge do desespero, me respondeu que sim.

Por isso, seria bom que LAMPIÃO procurasse ouvir depoimentos de mães como eu. Não que eu esteja propondo a criação de alguma coisa como a Associação de Pais de Crianças Excepcionais, não. Mas é que há o risco de muita gente achar que eu sou um caso à parte — afinal, eu estou escrevendo para o jornal de vocês e estou narrando a minha experiência com um filho homossexual; assim, se outras mulheres aparecerem, quem sabe : será essa a nossa contribuição — das mães — para a luta de vocês. Inclusive, só quando foi preciso dar apoio ao meu filho contra o preconceito dos seus colegas é que eu — uma mulher de classe média, com 45 anos e pouca cultura — finalmente decobri : o preconceito é uma coisa odiosa, qualquer preconceito; e mesmo com essa idade, sei agora que nunca é tarde quando se quer lutar contra ele. É sempre hora de comparar. Um beijo — bem maternal — em todos vocês.

Maria das Graças Abreu — Recife.

R. — **Dona Maria das Graças, seu filho pode dizer a todo o mundo que é um homem de sorte. Mãe é sempre uma coisa muito boa; mas uma mãe como a senhora não se encontra todo dia. Um beijo — bem filial — de volta pra senhora.**

Na umbanda, um tema para estudo

Espero que o ano de 1979 seja o marco de uma jornada profícua e feliz para todos os diretores e redatores deste excelente jornal. Congratulo-me com a direção do LAMPIÃO pelo excelente trabalho que vem prestando à coletividade no sentido de divulgar o movimento de libertação dos gueis no Brasil. Parabenizo esta maravilhosa equipe pelo brilhante trabalho e pelas incessantes lutas que vem vencendo no sentido de conscientizar o povo sobre este movimento que cresce juntamente com o Brasil. Coloco-me à inteira disposição de vocês para colaborar com este jornal. Sou formado em teologia/psicologia e atualmente sou babalorixá do culto umbandista. Um feliz 1979 para vocês.

R.P.M. — Rio.

R. — **Você será procurado brevemente, RPM. Estamos preparando uma ampla matéria sobre a ausência de repressão, nos cultos africanos, em relação ao homossexualismo, e gostaríamos de ouvi-lo a respeito. Aqui no jornal temos dois especialistas no assunto: Peter Fry, que é antropólogo e viveu três anos na Africa, e Adão Acosta, que não dá um passo sem consultar a Vovó (no que, aliás, faz muito bem...). Essa matéria de que falamos acima foi uma das primeiras a ser dicutida nas reuniões do conselho editorial de LAMPIAO. Depois ela foi posta de lado, mas agora é nossa intenção retomá-la.**

CARTAS NA MESA

Duas Anas da mesma Paulicéia

Redatores queridos: um abraço carinhoso a todos. Fiquei muito feliz ao ver minha carta publicada. O nº 8 está maravilhoso. Adorei os artigos de José Lutzemberger e sobre os índios. Na matéria sobre os índios, eu achei bacana que além de mostrar os problemas que eles sempre enfrentaram, e apontar qual o verdadeiro interesse do Governo ao querer "emancipá-los", ainda nos apresentaram um aspecto praticamente inédito: a sua vida sexual, uma coisa tão simplificada, tão alegre e natural, enquanto nós civilizados fazemos um cavalo-de-batalha por isso. Taí, eles são primários no que nós consideramos essencial, mas justamente no que é elementar eles é que sabem das coisas. Inclusive aconteceu uma coisa muito gozada aqui em casa: eu mostrei a matéria pras minhas irmãs, e elas acharam que é uma imoralidade o caso dos "kudinas", acharam que foi uma "tara" que os brancos legaram a eles. Mas o que eu acho mesmo é que eles são tão puros, tão humanos, que souberam entregar-se totalmente àquela que deveria ser uma das atividades vitais de nós "civilizados"... Mas nós suprimos a carência sexo-efetiva com a violência, o medo e a neurose.

Eu não concebo sexo sem amor, não imagino o verdadeiro amor sem sexo. Estou com vocês nisso: discutir o único tema que ainda é tabu no Brasil — o prazer.

Quero fazer uma reparação: na carta anterior eu disse que o **Pasquim** nunca faria uma reportagem séria com um homossexual por ser um jornal machista; na verdade eu ainda penso assim, mas fiquei emocionada quando li a nota de solidariedade do Jaguar. E acredito realmente que vocês, de LAMPIÃO e de toda a imprensa nânica, estão no mesmo barco; a luta pela LIBERDADE, liberdade, liberdade. Liberdade de imprensa, liberdade para poder usar esse veículo — a imprensa — para trazer à luz os fatos reais, os podres que o sistema precisa ocultar para manter sua força e opressão, liberdade para lutar pelos mais elementares direitos do homem — nos quais eu incluo esse como primordial: o direito de cada umum manter sua condição sexual própria, em aberto, e com o devido respeito por parte dos outros.

E abro esse parágrafo especialmente para dizer o que penso dessa questão de direitos humanos: muita gente pensa que "direito humano" só concerne a quem esteja preso por suas convicções políticas ou religiosas, ou esteja banido ou exilado, ou é perseguido ou pressionado. Pra mim, direito humano, além, é claro, dessa condição de uma pessoa ser livre para seguir a opção política, social ou religiosa que quiser, também tem que incluir, não pode nunca deixar de incluir, o direito dessa pessoa fazer sua opção sexual por conta própria, e não de acordo com as pressões do sistema. Direito humano tem que dizer "respeito a cada ser humano", o resto é demagogia.

Inclusive, vou citar o meu próprio caso: eu não sou lésbica, mas às vezes sofro na carne algumas coisas bem maldosas, só porque sempre defendi o direito dos homossexuais. Por outro lado, se às vezes sou chamada de louca ou anormal, o que me gratifica é ver o quanto já alcancei em termos positivos: minha família hoje já aceita essa minha posição o mais importante, a respeita. E já consegui mudar o radicalismo de muita gente, já consegui mostrar a eles que ruim é ser tarado ou ladrão.

Bom, pessoal, pra terminar envio-lhes os meus votos de um 79 muito gratificante e pleno de sucesso para cada um de vocês, tanto profissional quanto pessoalmente. Que cada dia desse ano lhes traga uma carga redrobrada de energias, para lutar sempre, porque há muita gente que precisa hoje de vocês (inclusive eu). E vocês não vão parar, eu tenho fé nisso, porque já se impuseram e já mostraram seu valor, e nada calará a nossa verdade. Com amor, mas muito amor mesmo,

Ana Aparecida de Brito — São Paulo.

Oi, pessoal. Abraços mil. Conheci vocês no nº 4 e desde então tenho sido uma fiel compradora do jornal. Preciso dizer que vocês são maravilhosos, uns amores? A alegria que dá ver o LAMPIÃO iluminando as bancas e os espíritos...

Adoro o jornal inteirinho, acima de tudo, pela coragem e pelo bem que ele faz à gente. Gostaria de fazer algumas sugestões. Vocês não acham que seria bom publicar mais reportagens com mulheres ou para elas? Sinto cada vez mais a ausência nossa no jornal (exceto a maravilhosa entrevista com a Lecy). Relacionada com a ausência das mulheres, simplesmente lamentável a série fotográfica dos garotões da praia. Vulgar e dispensável, se me permitem. Por favor, pessoal, não esqueçam da gente!

Que tal publicar um roteiro guei (feminino) de São Paulo, com inclusão de cinemas, restaurantes, etc.? E o concurso Dancing Gays? Cadê os resultados? Parabéns pelo material sobre os índios. Sucesso para "Histórias de Amor", da Esquina. Aliás, são só histórias para um livro, ou vocês pretendem publicar outros livros? Um pedido final: CONTINUEM. RESISTAM. Vocês são fabulosos.

Tenho 22 anos, sou formada, informada, mas enrustida e envergonhada. O que vocês me aconselham? Um beijo pra todos vocês.

P.S. — A revista Fatos & Fotos descobriu que homossexualismo dá Ibope. Vocês notaram como ultimamente têm saído reportagens de capa sobre o assunto? Sensacionalismo, oportunismo, falta de caráter ou o quê? Reportagens preconceituosas e "curiosas", vendendo a imagem deturpada, "anormal" e gozativa de sempre. É o fim. Qual a opinião de vocês?

Ana Teresa — São Paulo.

R — **Quanto à primeira Ana, apenas um comentário: suas cartas nos deixam sempre emocionados; essa é a terceira que ela nos envia e, de tão oportuna, resolvemos publicá-la na íntegra. Ana I é uma daquelas pessoas excepcionais, que sabem o significado exato da expressão "direitos humanos" e está disposta a lutar por eles. Sobre Ana II, as respostas: vamos repetir pela enésima vez, Aninha II, que o jornal está aberto às mulheres. O que elas têm que fazer é invadi-lo. Por enquanto a gente publica as cartas que vocês nos mandam. Mas se pintar um ensaio, um artigo, e desde que se enquadre na linha do jornal, tudo bem. O roteiro de que você fala é uma coisa muito delicada; é arriscado, na situação em que vivemos, tornar determinados ambientes** "oficiais", **principalmente no caso das mulheres. O concurso Dancing Gays foi adiado para março, mas a gente descurtiu um pouco a idéia (esse negócio de John Travolta é uma pobreza...). "Histórias de Amor" será apenas o primeiro livro da Esquina Editora. Temos mil planos que incluem até o Pasolini, aguarde. "Enrustida e envergonhada": mas se você é informada, tudo bem; continue sendo, que você saberá quando chegar sua hora de se desenrustir sem maiores traumas. Fatos & Fotos faz exatamente o que os Homens querem, ou seja, apresenta os homossexuais como anormais; os machões lêem aquilo e se tranquilizam, pensando: "Essa gente não tem nada a ver comigo". Depois, vão dormir e têm aquele eterno pesadelo: um assassino enorme os persegue madrugada a dentro, empunhando um facão imenso e brilhante que está prestes a se enterrar até o cabo em suas costas... Já pensou, que infelicidade, Aninha II, sonhar com isso toda noite e não saber por quê? Coitados dos machões...**

LITERATURA

Confissões de Marlene

Foto de Ednalva Tavares

Estes excertos foram retirados de um dos capítulos do último livro de José Louzeiro, *O Estranho Hábito de Viver*, lançado recentemente pela Editora Record, e no qual o autor de *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* retoma a sua linha ficcional, embora sempre de olho na realidade. Homossexuais, prostitutas, policiais frustados ou corruptos, crimes, desamor: *O Estranho Hábito de Viver*, segundo Louzeiro, não é propriamente uma história de delinqüentes. "Eu preferia considerá-lo como o livro dos que foram levados a delinquir, e de todos os outros afundados no marginalismo determinado por lei", diz ele.

José Louzeiro

Marlene chega em casa depois da meia-noite. Liga o rádio baixinho, estira-se na cama. A luz que acendeu é fraca, mal dá para iluminar o pequeno e atravancado apartamento. Não sabe porque, sente-se vazia, sem vontade de prosseguir. De repente, a impressão de ter sido iludida, explorada, abandonada. Toninho não voltará. Alguma coisa lhe diz que o perdeu. Nunca falou daquele jeito e muito menos na lanchonete, com todo mundo ouvindo. Simplesmente tentou brincar, ser afetuosa, ele não compreendeu.

Olha o teto sombrio, conclui que sua vida era um amontoado de incompreensão. Cada dia um desgaste, uma decepção. Se Toninho achava estar preocupada apenas com sexo, enganava-se. E não lhe dava dinheiro simplesmente para que a satisfizesse. Queria que se gostassem, que um sentisse falta do outro, cada manhã surgisse como uma descoberta e uma esperança. A princípio, esteve certa de que correspondia. Mesmo um tanto grosseiro, sem instrução, chegou a imaginar que se entenderiam. E como fez planos, baseada nessa possibilidade.

Agora, neste princípio de madrugada, ouvindo músicas nostálgicas no rádio de pilhas, tem certeza de que fora tudo em vão. Tremenda decepção. Vinha sentindo isso há meses, não queria acreditar. Tornava-se cada vez mais claro que Toninho só a procurava por causa do dinheiro. Os raros momentos em que ficavam juntos, era uma espécie de concessão da parte dele. Na verdade, não passavam de dois estranhos, estirados na mesma cama, falando línguas diferentes.

Os olhos se enchem de lágrimas, deixa que escorram pelo rosto. Chora por Toninho e pelas tantas decepções já vividas: Artur, Inaldo, João Carlos, Henrique, Santini. Onde andariam? Que mentiras contaram a outras bichas ou às mulheres? Marlene sente-se tão amargurada, que tem vontade de rir. Como João Carlos mentia igual. Como Santini era pouco inteligente. Inaldo, o egoísmo em pessoa. Henrique, sempre querendo mais coisas e se preocupando em que Marlene conseguisse funções mais rendosas. Artur, provavelmente por ser o mais feio, era também o mais sensato. Por que não foi mais paciente com Artur? Vivia um tempo em que se sentia dominadora. Marlene nos jornais por causa dos hormônios nos seios, Marlene dos cabelos louros no Teatro de Revista. Uma fase passageira e brilhante. Onde andaria Artur? Teria mesmo casado com a dona gorducha, a que tinha bigodes e um bom emprego na Caixa Econômica? Difícil saber. Todos se foram, nada deixaram. Só levaram.

Pega o espelho, acende a lâmpada de cabeceira, olha os pés de galinha se formando ao redor dos olhos, covas nas bochechas. Em breve necessitaria de uma operação plástica. Isso custava dinheiro e pelo menos uns dez dias numa boa clínica. Sabia como os médicos exploravam, quando se tratava de um homossexual. Para a mulher grã-fina era um preço, para qualquer um deles o dobro. Por que essa prevenção? Qual a diferença?

Solta o espelho, apaga a lâmpada. A música no rádio é melancólica, relembra um tempo longínqüo. Marlene recusa-se a admitir mas, pouco a pouco, vai sentindo que a velhice chegou. E, em nós, é duplamente desastrosa. Arruína o corpo, esvazia a mente. Por isso já não tinha sonhos, não fazia projetos. Sem sentir, foi se degradando. Deixou o teatro por causa de um contrato no cinema. Terminado o primeiro filme não conseguiu outro, os contratos foram desaparecendo. Um belo dia estava necessitando de trabalho. Passou dois anos num salão de manicura, o dinheiro sem dar para coisa alguma. Aí conheceu Artur. Quase não tinha nada a oferecer-lhe. Quando se deu com Inaldo, estava como garçom no restaurante de luxo. A princípio, como se sentiu envergonhada! O que mais temia era, de repente, servir numa mesa onde houvesse velhos conhecidos dos tempos artísticos. Se isso acontecesse, não saberia o que dizer; como levar a coisa na brincadeira. No restaurante deu sorte. Passou a ter dinheiro, dispunha do dia todo para dormir. Certa madrugada, quando a freguesia havia saído, ficou apenas o moço emborcado na mesa. Os outros garçons se recusaram a ajudar. Mandaram que Marlene falasse com o maître. Pouco depois ela sairia conduzindo o moço. No estacionamento, a primeira surpresa: havia um Mercedes branco, com motorista particular. João Carlos parecia ter melhorado, insistia que fosse com ele. O motorista, sem dizer coisa alguma, presenciava a cena, esperando o momento de fechar a porta. João Carlos tanto insistiu, tanto puxou Marlene pelo braço, que ela terminou indo. Que noite estranha! O Mercedes subindo suavemente o arrampado da casa na Barra, João Carlos e ela no elevador atapetado.

— Quem mora com você?

João Carlos ria, sacudia os braços. As palavras eram vagas, sem sentido. Marlene não entendia. Saíram no corredor de piso reluzente, chegaram ao salão de móveis de couro e pés niquelados, lâmpadas sofisticadas e baixas, João Carlos tirou do armário de vidro a garrafa de uísque escocês, pegou com dificuldade dois copos, Marlene querendo recusar, ele insistindo. Vai ter de beber comigo porque não se tem nada melhor a fazer. Depois, pode olhar a casa. Moro sozinho com uma empregada maluca e esse motorista que não fala nada. É uma sombra me acompanhando. .

Para não irritar ainda mais João Carlos, Marlene aceitou o uísque, põe-se a beber, o moço está inquieto, liga o ar refrigerado, a noite é de profundo silêncio. Após alguns momentos Marlene se encoraja, faz uma indagação corriqueira, mais para ter o que dizer.

— Ora, bebo como quem vai às compras, como quem freqüenta praia ou tem amantes. Quando cansar disso, vou fazer um estágio nas drogas.

— E a saúde?

— Saúde? Pro inferno com saúde!

Acha graça, João Carlos tambem sorri. Atira-se no almofadão, sobre espesso tapete, puxa-a. Marlene entende as intenções do moço, aflige-se. Só agora começava a perceber e não teria como enfrentá-lo. Se era aquilo que estava pretendendo, enganara-se. João Carlos põe a tirar as roupas, abraça-se com Marlene.

— Não fica com pena de mim. Faz como se tivesse com raiva.

Recordando essas coisas, tanto tempo depois, ainda sente um arrepio percorrendo-lhe o corpo. João Carlos se enganara ou ela era a enganada? Como fora boba. Como se deixara assustar por aquele casarão com tudo que havia de bom e do melhor. Nos outros encontros entenderia que o moço era homossexual perfeito, completo. Aí, quem passou a criar problemas foi Marlene. Quando terminava a vez de João Carlos e ele exigia sua participação Marlene fraquejava. Por mais que se esforçasse, não conseguia. Por isso, quantas vezes fora espancada! Onde andaria aquele maluco? Teria resolvido seu problema, ou ainda estava complicado? Tão rico, tão bonito e terrivelmente desesperado. Com Toninho os problemas iniciais foram poucos. A princípio apenas um garoto assustado, maltrapilho, com uma vontade louca de comer. Parava na lanchonete, devorava dois hamburgueses, tomava dois sucos de laranja dos grandes. De noite aparecia no apartamento. Marlene dava as indicações: faça primeiro assim, depois assado. Deixava-se conduzir. Nos meses seguintes passou a exigir coisas e tinha razão. As roupas estavam se acabando, os sapatos eram uma vergonha. Um dia saiu com ele, fez compras. Toninho cortou os cabelos, tomou banho, trocou-se no apartamento. Depois de vestido, parecia outro. As conhecidas faziam provocações, acusavam Marlene de estar descabaçando um anjo. Ela sorria com certo orgulho. Tou criando ele a meu gosto. Quando crescer, não pode reclamar minhas exigências. Isso foi há quatro anos. Passado esse período as coisas começaram a se complicar. Toninho sempre exigindo mais dinheiro, dando menos amor. Num determinado momento o relacionamento parecia mera troca comercial. Vou contigo se me der quinhentos. Fico contigo se me der mil. Marlene aceitava mas não gostava. O garoto se tornara exatamente o contrário do que imaginava. Nos dias de folga convidava-o para ir ao cinema, ao teatro, ele desconversava. Marlene sabia: não gostava de ser visto ao seu lado. Tinha vergonha. Procurava convencê-lo. Ali, na Zona Sul, cada um vivia sua vida, ninguém se incomodava com ninguém. Toninho não aceitava. E, geralmente, após as contrariedades, passava semanas sem aparecer. Vinha exatamente quando estava necessitando de dinheiro. Nunca aparecia para lhe oferecer qualquer coisa, sempre para pedir. Marlene com a sensação de que murchava interiormente. Toda sua satisfação, seu amor, o sentimento de solidariedade estavam acabando. E, por mais que se esforçasse, passou a sentir-se a pessoa mais pobre do mundo, a mais desamparada, mais infeliz. Por que enganar-se tanto e tantos anos, numa busca desesperada e inútil? Sentia-se exausta, sem a mínima possibilidade de prosseguir. Depois de Toninho não teria mais coragem de recomeçar.

Há pouco tempo encontrou Inaldo. Fez que não a reconheceu. Estava no volante do carro esporte, ao lado da mulher branquela e o cão de raça. Marlene passou indignada. Quanta roupa dera àquele sem-vergonha e quanto prato de comida. Com Toninho era igual ou até pior. Não esperava mais nada dele. Devia contar ou não com suas próprias forças? Eis um momento decisivo. Estava. Estava necessitando daquela análise há muito tempo. Poucas vezes parara para refletir sobre sua própria condição e o fazia no momento certo. As conclusões — oh! as conclusões — eram as piores possíveis. Mas, somando prós e contras, não tinha nada do que se arrepender. Chegara aos 46, coisa que na verdade jamais pudera supor. Muitas outras tombaram antes, numa luta desigual. E a maioria em absoluta covardia. Abria os jornais, lá estava: homossexual morto na cama; homossexual estrangulado no apartamento, no iate. Felizmente estava ali, recapitulando o tempo que se fora, e não tinha queixas quanto a violências. Sempre soubera evitar os sádicos e os masoquistas. Quantos programas recusara, exatamente para não se arriscar. Escapou pra quê? Pra ficar mirando-se no espelho e vendo a velhice chegar? Nada disso. Teria algo mais a fazer. Seria uma demonstração total de renúncia e desprendimento.

Teve o seu tempo. Bem poucos poderiam orgulhar-se disso. Abre a gaveta, tira o álbum. Lá estavam as fotos das mil e uma noites. A passarela luminosa, o público em desvario, fotógrafos brigando para conseguir os melhores ângulos, mesas de famosos bares repletas de amigos. Desde o entardecer, os nomes cercados de luzes no grande painel cobrindo a fachada do Teatro de Revista. E o seu era dos primeiros: "Marlene". Ali estavam as lembranças. As boas lembranças. No dia em que assinou contrato com o cinema, fez sua despedida do teatro. Grandes personalidades do mundo artístico lamentando sua retirada de cena. Saía no momento exato. Sempre soubera sair, antes que as luzes apagassem. Não seria agora que iria acovardar-se. Deteve-se em fotografias com amigas que já havia esquecido, teve vontade de rir. Como era invejada, como era querida. Nos restaurantes que freqüentava tinha mesa cativa. Depois de umas tantas horas os garçons encostavam as cadeiras, colocavam a plaquinha: "reservada". Quando chegava era aquela festa. Os olhares concentrados nela. Marlene no auge. Vinte e dois anos, as notícias a seu respeito provocando escândalos. Uma revista publicou as fotos e as declarações. No dia seguinte o arcebispo rebateu-as, lembrando a moral da família cristã. O teatro lotou e havia mais gente de pé do que sentada. Entrou no *show* com o pé direito. Depois da noite de estréia, em todas as outras a afluência foi a mesma. Afinal, por que a prevenção com o homossexualismo? Quem eram eles para se atrever? Quem era o senhor bispo? Ou precisava dizer que até o vice-prefeito a procurou uma vez, no camarim, a fim de que fossem para um hotel. Como o tempo passa. Os amigos mais íntimos, acusando-a de esbanjamento. Que sentido faria guardar o dinheiro, se não se pode guardar a juventude? O vice-prefeito saiu acabrunhado com a recusa. Pobrezinho. E como lutou para chegar ao camarim. Foi preciso subornar uns dois ou três funcionários. Marlene fecha o álbum, os olhos continuam rasos d'água. Não era apenas de si, e sim, do tempo, das coisas, das pessoas que já não existiam. Do Teatro de Revista que desaparecera, das luzes que se apagaram para sempre. Como apreciaria ter tido oportunidade de falar daquelas coisas com Toninho! Impossível. Estava voltado unicamente para o que via e queria ter. Nada de conversas, muito menos de lembranças.

— É romântica. Vive com besteira na cabeça.

Não iria compreender jamais. Os tempos são outros, temos de admitir; as pessoas estão tocadas pelo germe do consumismo. Não há pausa para reflexão. Só dinheiro interessa e quem mais tem mais quer. Abre o envelope, na mesma caixa onde estava o álbum, de dentro dele saem algumas fotografias tiradas na rua. Numa delas aparece com Toninho. O verdadeiro Toninho. Quando ainda estava todo esfarelado, sapatos se rasgando, calça de brim ordinário, encolhida, uma camisinha de tricoline fora da moda. Um dos primeiros encontros. Rosto magro, cabelo liso caído na testa, um sorriso de quem não dizia coisa nenhuma. Desde o princípio sabia bem com quem estava lidando, mas nunca tivera a preocupação de modificar-lhe o caráter. Fecha a caixa, procurá em outra gaveta o pedaço de papel, a caneta. Tem vontade de rir, pois tinha uma amiga que costumava dizer: suicida que não deixa bilhete não é suicida. Ela não deixaria. Escreveria apenas uma nota à Sandra. Não era justo que se fosse, sem ao menos um adeus. Mas não começaria pela lengalenga. Abordaria em primeiro lugar a questão do aluguel, do dinheiro que ainda tinha no banco, do cheque no nome de Sandra Duarte. Com ele poderia pagar o mês vencido e o seguinte, até encontrar outra parceira. Na última linha, sim, a tentativa de explicação, sem que parecesse queixume.

"Cada um de nós tem o momento certo de parar. O meu chegou. Se alguém me procurar, diga que viajei. Parti com minha própria sombra. Um beijo. Marlene".

Põe o papel perto da luz, lê calmamente. Não acredita tenha esquecido de nada, pois nada tinha a enumerar. Talvez merecesse apenas um PS. Pega novamente o papel, coloca-o sobre a revista, escreve: "Toda minha roupa, que por sinal não é muita, pode enfiar num saco, dar ao primeiro pedinte."

Suspende de um lado a colcha, enfia por baixo o bilhete e a revista. Torna a cobrir. Olha o relógio, vê que ainda é tarde. Levantaria a âncora do seu veleiro quando estivesse para amanhecer. Há muito tempo não via o amanhecer e aquele seria especial por ser o último. Além disso teria uma outra importância: seria um pouco antes de Sandra aparecer. Talvez isso a livrasse de maiores problemas. Coitada! Cansada de uma noite de sucessivas entregas e ainda ter de aturar uma bicha suicida.